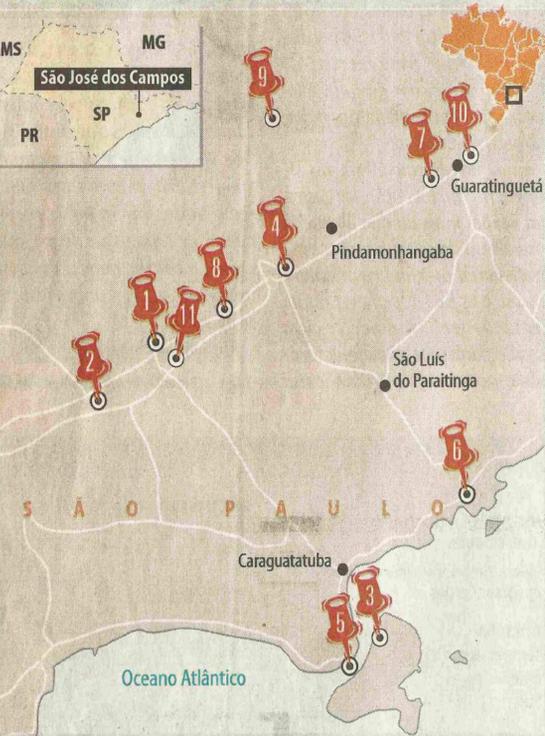


ARQUEOLOGIA Sem preservação, Vale do Paraíba e litoral norte desconhecem civilizações que chegaram há cerca de 2.500 anos

Peças somem e levam 'pré-história' do Vale

Editoria de Arte/Folha Imagem

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS NO VALE DO PARAÍBA E LITORAL NORTE



- Local encontrado
- Número de peças
- Peças encontradas
- Datação
- Características
- Onde estão as peças

1 São José dos Campos
14 sítios

- Região central, Vila Tatetuba, Cajuru, Eugênio de Melo, Bosque dos Eucaliptos, bairros próximos a Tamoiós e a São Francisco Xavier
- 1.600
- Cerâmica, louças, artesanatos, peças de barro, machados de pedra polida e urnas funerárias
- 500 a.C
- Caçadores e coletores nômades da Pré-História em São Francisco Xavier. Nas outras áreas, comunidades indígenas da cultura aratu, que introduziram o plantio do milho e da mandioca, e tupi-guarani
- No Museu de São Benedito, isoladas em uma sala, uma vez que o local está fechado para reforma

2 Jacareí
6 sítios

- Rio Comprido, Santa Marina, Santa Branca e estrada velha São José-Jacareí
- 56,5 mil
- Pedras polidas, lascadas, urnas, cerâmicas, tigelas, machadinhas, ferramentas, calibrador para afiar pontas de lança, lascas de quartzo, pontas de flechas e restos ósseos de ossada pré-colonial
- Pré-História e século 15
- Comunidades tupi-guaranis, aratu e puris. Áreas utilizadas para caça e pesca, próximas a rios. Produção de cerâmicas com argila e de artefatos com seixos de pedra
- Laboratório arqueológico. O museu está em reforma

3 Ilhabela
44 sítios

- Ilha São Sebastião, ilha de Búzios e ilha de Vitória
- 3.000
- Cerâmicas, instrumentos de pedra como lascas de quartzo e cerâmicas de ruínas de fazendas e engenhos dos séculos 18 e 19
- Pré-História e séculos 1, 18 e 19
- Comunidades indígenas da cultura jê. Pescadores e coletores nômades. Comunidades do século 18 e com características de engenho de cana-de-açúcar
- Em arquivos da prefeitura

4 Taubaté
3 sítios

- área central
- 40
- cascos de cerâmica e fragmentos de ossadas humanas
- Histórico e pré-colonial
- Comunidades de período histórico e pré-coloniais
- Museu de Taubaté

5 São Sebastião
2 sítios

- São Francisco e na costa sul da cidade um cemitério indígena
- 20 mil
- Fragmentos de faiança inglesa, vidro, metal, grés, cerâmicas e ossos
- Séculos 18 e 15
- Período colonização brasileira nos séculos 18 e 19. Comunidades tupinambás
- Arquivo histórico

6 Ubatuba
7 sítios

- Ilha Mar Virado e ilha Anchieta
- Ossos de 87 homens de cultura concheira e 4.000 peças
- Ossos de animais como boto, cascos de tartaruga e corpos calcificados
- 500 a.C. e século 18
- Cemitério de comunidades que viviam no continente
- Museu da USP (Universidade de São Paulo), arquivo da prefeitura

7 Aparecida
10 sítios

- Área central da cidade e bairro Itaguassú
- 200
- Cachimbos, machados, cerâmicas e urnas funerárias
- Séculos 16 e 17
- Pré-coloniais
- Basílica de Aparecida

8 Caçapava
4 sítios

- Próximo à rodovia Carvalho Pinto
- 40
- Urnas funerárias
- Pré-história e séculos 19 e 20
- Comunidades tupi-guaranis, aratus e sítios históricos pré-coloniais
- Museu de Santos (SP)

9 São Bento do Sapucaí
1 sítio

- Área rural
- 2
- Instrumentos de pedra polida
- Século 18
- Comunidades tupi-guaranis
- Arquivo da prefeitura

10 Canas
3 sítios

- Periferia de Canas em um conjunto do CDHU*
- 34
- Cerâmicas e urnas funerárias
- Séculos 14 e 15
- Comunidades tupi-guaranis
- Guardadas em um depósito na cidade

KEILA RIBEIRO
DA FOLHA VALE

Peças de até 2.500 anos recolhidas em sítios arqueológicos do Vale do Paraíba e do litoral norte desapareceram e levaram com elas informações que poderiam desvendar os hábitos de populações que viveram na região antes do nascimento de Cristo.

Vale e litoral têm aproximadamente 70 sítios arqueológicos, mas só 15 estão cadastrados pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). O número deve ser ainda maior, uma vez que a região é uma das poucas do Estado que permanecem inexploradas. Em São Paulo, a principais áreas que poderiam apresentar vestígios de sítios, como Vale do Ribeira e Vale do Iguape, já foram exploradas.

Somente em Ilhabela há 44 sítios identificados. Em São José dos Campos, há informações de 14, mas o levantamento é desconhecido pela prefeitura.

De acordo com o Iphan, como as áreas e as peças passam a ser de domínio da União, os moradores são responsáveis pela conservação do local.

No caso de depredação ou construção de empreendimentos em áreas de sítios, a comunidade é quem deve acionar o Iphan para que a obra seja embargada.

A região foi uma importante rota de migração de povos vindos das regiões Nordeste e Centro-Oeste do país e guarda sítios arqueológicos que podem explicar também o desaparecimento dos homens do sambaqui, de cultura nômade, que costumavam deixar restos de suas andanças.

Urnas funerárias, fragmentos de cerâmicas e instrumentos de pedra que foram descobertos desde 1900 na região foram perdidos ou estão guardados em depósitos e galpões nas prefeituras ou em universidades de outras cidades do Estado.

Peças que foram encontradas em São Francisco Xavier e Aparecida, primeiros sítios da região, foram perdidas ou destruídas por obras públicas ou particulares.

O próprio Iphan admite que não tem dados sobre possíveis áreas de sítios arqueológicos nem estrutura para controlar a preservação das peças ou dos sítios.

Para o instituto, cada cidadão deve ser responsável por encaminhar informações sobre novas áreas ao órgão ou dados sobre degradação de sítios.

Sem grupos de fiscalização instituídos pelo governo federal, municípios e o Estado, algumas ONGs (organizações não-governamentais) chegam a pagar para moradores vigiarem os locais on-

de há vestígios de objetos históricos, para que o patrimônio arqueológico seja protegido.

Em Ilhabela, por exemplo, o Cedepac (Centro de Estudos e Defesa do Patrimônio Cultural) chegou a distribuir cestas básicas aos moradores.

A precaução não é em vão. Um sítio com ruínas de um engenho foi destruído no município pelo próprio proprietário antes do cadastramento do local.

Segundo o Iphan, não há punições para a devastação de locais que ainda não foram cadastrados e reconhecidos pelo órgão como sítios arqueológicos.

Além das construções, há também a depredação de áreas, que estão passando por pesquisas, por turistas ou moradores em busca de "tesouros".

Conta própria

A iniciativa, até o momento, tem sido tomada por estudiosos da área, ONGs, institutos de pesquisa e voluntários.

Se houver desobediência à paralisação da construção, o instituto abre processo judicial contra os responsáveis.

A pena para quem destrói patrimônios históricos ou bens culturais e de interesse arqueológico é de seis meses a dois anos e está prevista no Código Penal.

Sem estrutura

O Iphan dispõe de apenas seis profissionais no país e nenhum em São Paulo.

O Estado também não conta com grupos para controlar se as novas obras seguem a determinação da resolução do Conama.

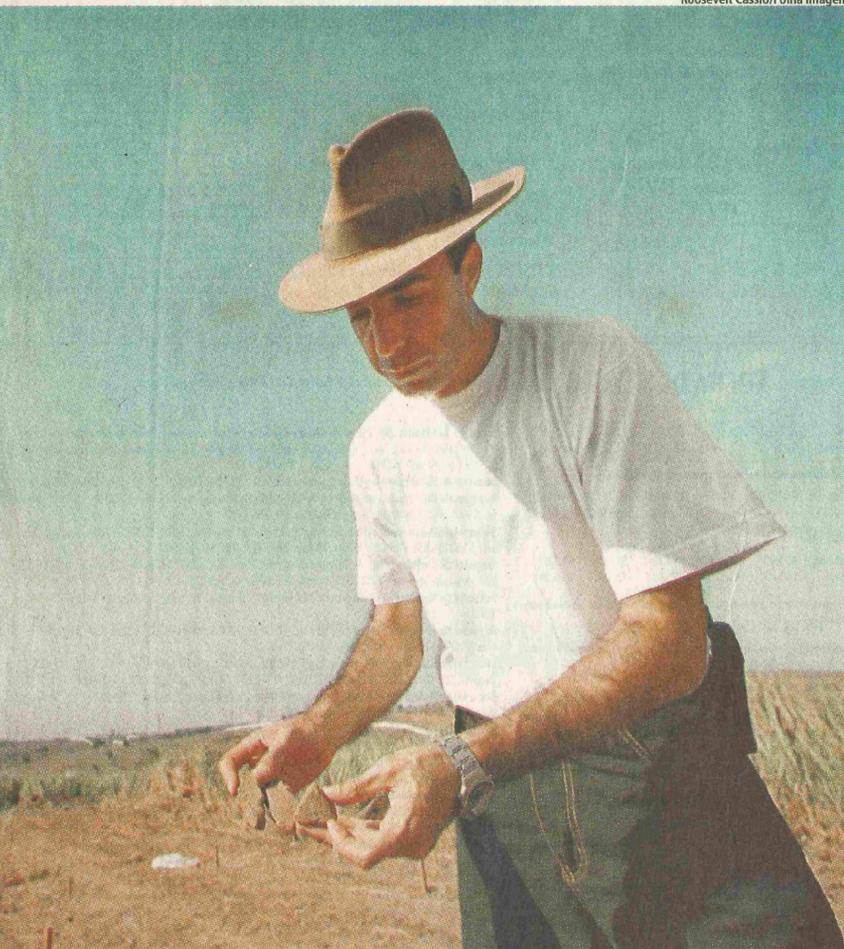
O Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo) realiza somente autorizações para exploração de áreas descobertas.

O que pode garantir a salvação da pré-história e da história da região é a exploração turística dos locais onde foram descobertos sítios. A proposta já está sendo analisada pelo Conselho Pró-Turismo do Cone Leste Paulista.

Em Canas, um dos sítios mais importantes de São Paulo, já há a disposição da Secretaria de Estado da Cultura para a liberação de recursos para investir no setor.

→ LEIA MAIS nas págs. C3 e C4

*Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo Fonte: Pesquisadores e Folha Vale



O arqueólogo Plácido Cali, que trabalha graças à ajuda de uma ONG, faz escavações em Jacareí

OUTRO LADO

Iphan pede ajuda da sociedade para fazer fiscalização

DA FOLHA VALE

O Iphan informou que a fiscalização de possíveis terrenos que possam conter sítios arqueológicos é função da sociedade.

O órgão não dispõe de um levantamento das áreas em que há evidências de locais que guardam informações históricas.

O instituto informou que as descobertas são fortuitas e não podem ser planejadas. Por isso, não há como controlar as áreas antes que sejam realizadas escavações ou empreendimentos.

Os sítios somente passam a ser controlados e têm o acompanhamento do Iphan depois que são cadastrados no órgão.

Para o cadastramento, no entanto, o instituto tem de ser avisado de que houve uma descoberta de um local que possivelmente contenha interesse científico.

As prefeituras cobram mais ações do órgão.

BRASIL TROPICAL
SUPER LIQUIDAÇÃO DE BAIXA ESTACÃO

Porto Seguro	Serrambi
Modelo: Super... 4.000... em 140,00	Modelo: Super... 4.000... em 170,00
Modelo: Super... 4.000... em 145,00	Modelo: Super... 4.000... em 174,00
Modelo: Super... 4.000... em 157,00	Modelo: Super... 4.000... em 210,00
Modelo: Super... 4.000... em 172,00	Modelo: Super... 4.000... em 198,00

LEIA MAIS NAS PÁGINAS C3 E C4

500 ANOS 2 Análise feita pela USP indica que fragmento de cerâmica encontrado no Vale pode ser o mais antigo

Jacareí descobre uma peça de 1.100

Claudio Capucho/Folha Imagem

da Folha Vale

O fragmento de uma peça de cerâmica encontrado no sítio arqueológico do loteamento Mirante do Vale, em Jacareí, pode ser o mais antigo já achado no Vale do Paraíba.

O Departamento de Física Nuclear do Instituto de Física da USP analisou três amostras recolhidas no mesmo local. Os resultados foram diferentes para cada uma, mas uma delas aponta que o material pode ter sido feito em torno do ano de 1.100.

O sítio arqueológico mais antigo reconhecido atualmente na região é o loteamento Santa Marina, de cerca de 1.470.

O método utilizado pela USP para datar o material foi a termoluminescência, em que a idade do fragmento é calculada com base em alterações em grãos de quartzo provocadas pela queima da cerâmica. A margem de erro dessa técnica é maior que o método do carbono 14, que calcula a idade de uma substância orgânica.

Vários fragmentos de cerâmica no Rio Comprido I foram recolhidos entre os meses de abril e maio do ano passado no local, que estava sendo transformado em um loteamento pela empreendedora Mirante do Vale.

Após a descoberta do material no terreno, o arqueólogo Plácido Cali foi contratado pela empresa para fazer a pesquisa do local.

Ele ainda não sabe dizer a que grupo indígena pertencia a amostra que datou o ano de 1.100, por ser rústica e não ter decoração, ao contrário das tradições do grupo dos tupi-guaranis.

“As suspeitas de que o material poderia ser anterior surgiram não tanto pelo fato de não ter decorações, mas sim pela qualidade ruim da cerâmica, sem técnica elaborada”, afirmou Cali.

A dificuldade na identificação também se deve ao fato de o fragmento não ser uma borda. “Se tivéssemos a borda da peça, que poderia ser, por exemplo, uma tigela, poderíamos fazer a reconstituição do material inteiro.”

A análise dos fragmentos retirados do terreno concluiu que o local foi habitado por pelo menos duas antigas aldeias indígenas, sendo uma delas, tupi-guarani.

Uma das amostras estudadas pela USP apontou data do ano de 1.600, pois o fragmento era melhor elaborado e decorado.

O arqueólogo Wagner Gomes

Caiçaras são estudados em pesquisa

da Folha Vale

Os caiçaras de São Sebastião estão sendo estudados por uma pesquisa desenvolvida em conjunto pela historiadora Rosângela Dias Ressurreição e a organização Fundamar, que trata de assuntos ecológicos.

O trabalho visa reconstituir a cultura caiçara na cidade, desenvolvida durante a colonização.

Antes da colonização portuguesa, a região era ocupada por índios tupinambás ao norte e tupiniquins ao sul.

As terras que pertenciam aos índios foram colonizadas pelos portugueses a partir do século 16 com a implantação das capitâncias hereditárias. Antigamente, a extensão de São Sebastião era de Boracéia a Tabatinga, hoje, pertencente a Caraguá.

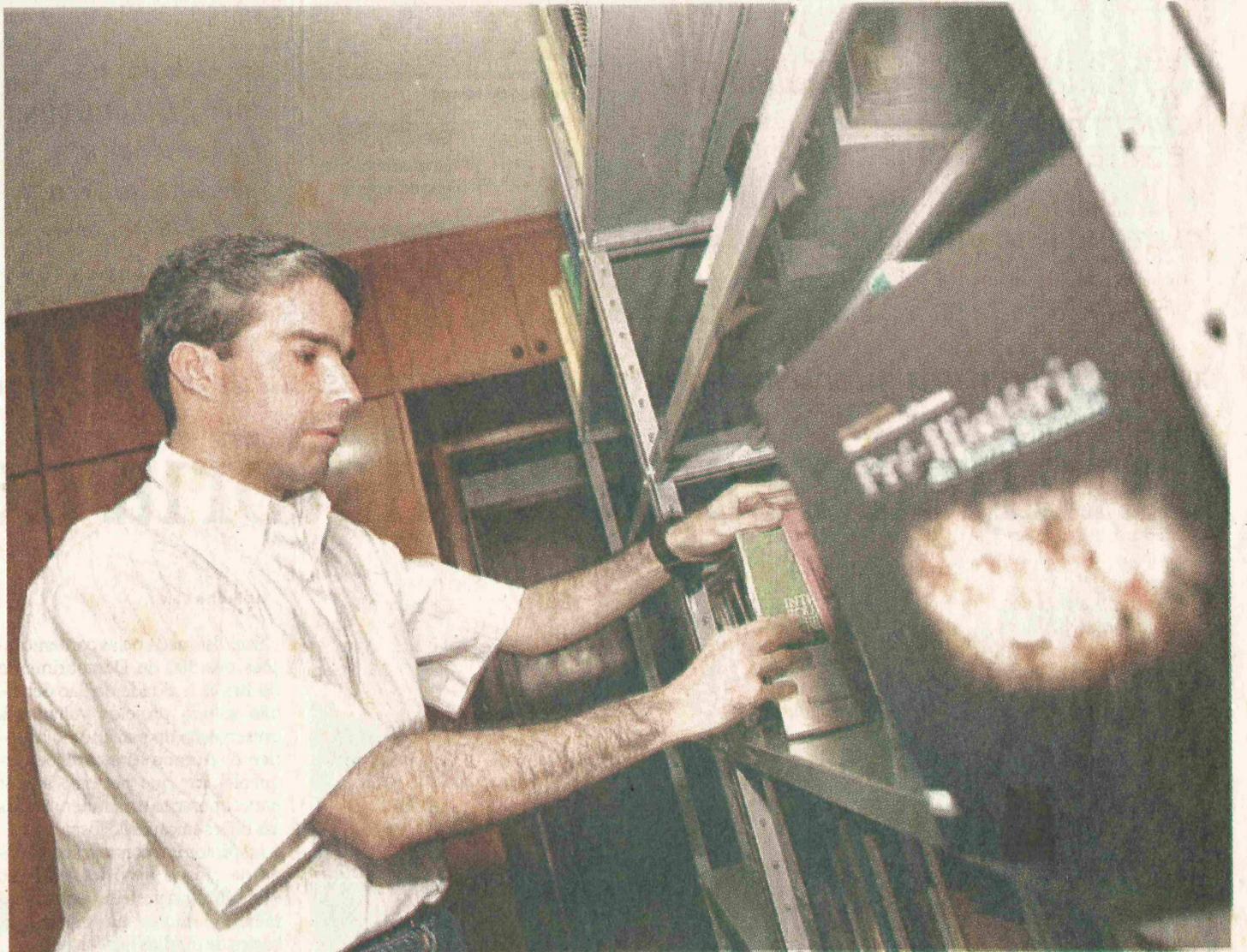
A doação das primeiras sesmarias —pedaços de terra onde os donatários tinham total poder— na região aconteceu na mesma época. Em 1586, lotes da costa sul foram doados.

Entre 1603 e 1609, foram doadas sesmarias a Diogo de Unhate e João de Abreu. Após a construção da capela, começou a surgir a vila, que provocaria a emancipação político-administrativa de São Sebastião em 1636.

No início, a principal atividade econômica era a cana-de-açúcar, e, mais tarde, o café. Em 1875, a vila foi elevada à condição de cidade.

Bornal, responsável pelo gerenciamento do patrimônio histórico em Jacareí, também participou dos trabalhos realizados no loteamento Mirante do Vale.

Além dos estudos para identificação do grupo, serão iniciadas pesquisas na área vizinha ao loteamento. “Será a segunda fase. Existe a possibilidade de outros pedaços serem encontrados nesse terreno”, disse Cali.



O arqueólogo Plácido Cali, que trabalhou no levantamento do loteamento Mirante do Vale, em Jacareí, em sua biblioteca

Divulgação

174 peças são achadas

da Folha Vale

Um total de 174 fragmentos de cerâmica foram encontrados espalhados na terra no loteamento Mirante do Vale, em Jacareí, quando a empreendedora já realizava a abertura de ruas.

O material foi analisado no laboratório da Fundação Cultural de Jacareí. Das amostras, 151 eram cerâmica de origem indígena. As demais eram compostas de louças ou material de característica neobrasileira, fruto da fusão cultural entre brancos, negros e índios.

Dos 151 pedaços indígenas coletados, 79,88% não tinham qualquer decoração.

A proximidade de cerâmicas decoradas e de peças menos elaboradas no loteamento indicam que diferentes grupos indígenas podem ter ocupado a mesma região, em períodos diversos.

A outra área a ser estudada até o final deste mês passará primeiro por um levantamento arqueológico para identificação dos sítios.

O terreno será isolado e um projeto para escavação será feito dentro das normas do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).



Fragmento de cerâmica datada de 1.100 pela USP encontrada no loteamento Mirante do Vale

FOLHA DE S.PAULO

Um jornal a serviço do Brasil ★ ★ ★

GRUPO FOLHA

*DIRETORIA CORPORATIVA: Luis Frias (presidente), Otavio Frias Filho (diretor editorial), Flavio Pestana (diretor superintendente de marketing), Antonio Manuel Teixeira Mendes (diretor superintendente financeiro), Judith Brito (diretora superintendente de recursos humanos e jurídico)

*DIRETORIA DE JORNAIS E REVISTAS: Antonio Carlos de Moura (diretor-executivo comercial), Marcos Pachi (diretor-executivo de classificados), Adalberto Fernandes (diretor-executivo industrial), Adriano Araújo (diretor-executivo de regionais), Jarbas Nogueira (diretor-geral do Agora e Notícias Populares), Ana Lucia Busch (diretora de revistas)

*DIRETORIAS DE UNIDADES DE NEGÓCIOS: Mauro Paulino (diretor do Datafolha), Ricardo Gandour (diretor do Publifolha), Clóvis Tonioli (diretor do Transfolha), Bernardo Aizenberg (diretor da Agência Folha)

valeviver!



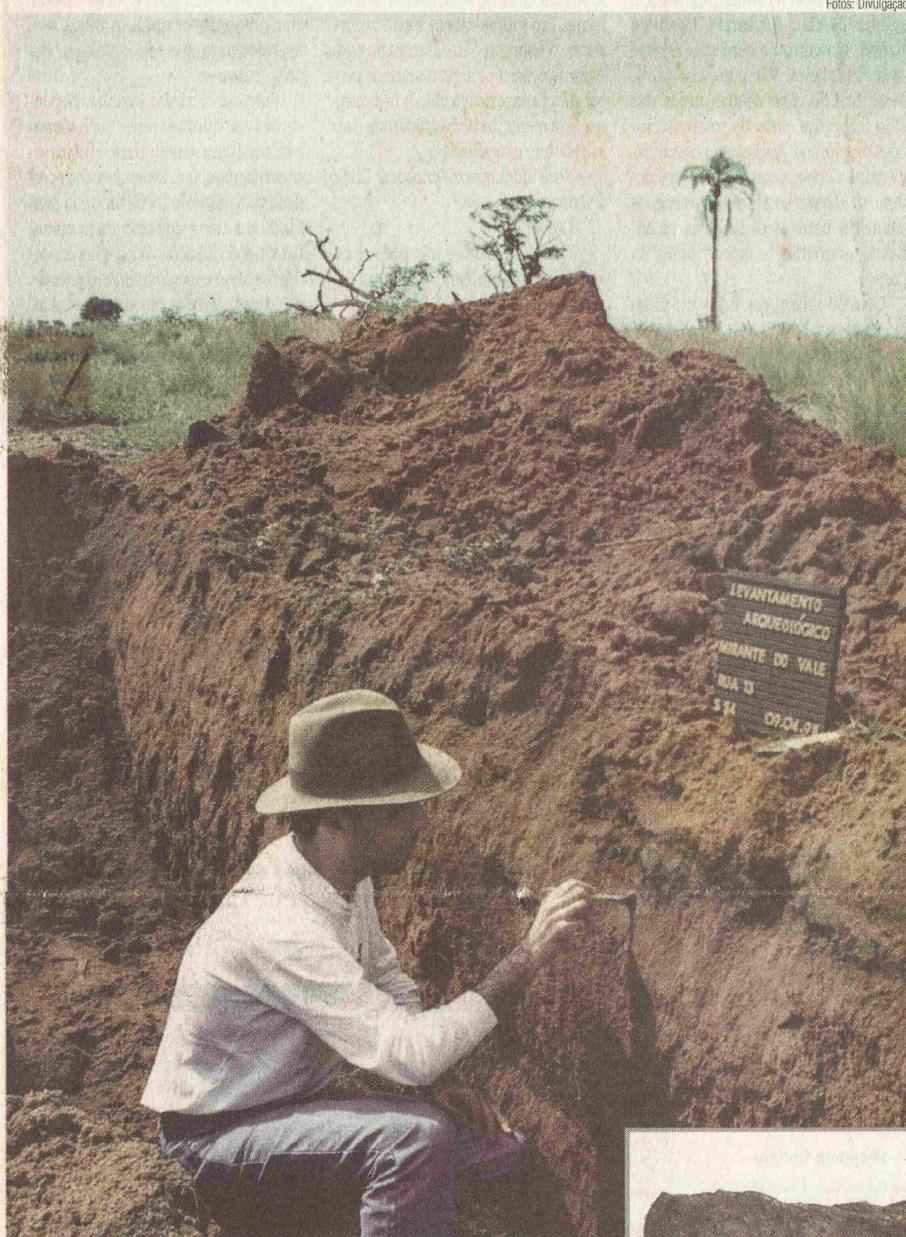
Rio recebe obras de Pablo Picasso

Telas avaliadas em R\$ 240 milhões estarão em mostra que estréia no dia 27, no Mam do Rio

Página 6

Vale do Paraíba, quarta-feira, 14 de julho de 1999

Arquiólogo encontra pedaços de cerâmica indígena de 1.100; registros das pesquisas são lançados em livro



Fotos: Divulgação

História do Vale começa por Jacareí

Jacareí

A descoberta do sítio arqueológico mais antigo do Vale do Paraíba, na estrada do Rio Comprido I, em Jacareí, e a sua importância histórica para a região estão relatadas no livro "Sítio Arqueológico Rio Comprido I e Seu Contexto no Vale do Paraíba", de autoria do arqueólogo Plácido Cali.

A obra foi patrocinada pela empresa Mirante do Vale, que está fazendo um loteamento no local, e será lançada oficialmen-

te na primeira quinzena de agosto, durante o seminário "Arqueologia: Pesquisa e Preservação no Âmbito Municipal".

De acordo com Cali, a obra foi elaborada para divulgar a pesquisa arqueológica realizada na área, de 984 mil metros quadrados.

Os trabalhos foram desenvolvidos pelo arqueólogo e pela técnica Cláudia Moreira Queiroz, no período de um mês e uma semana, no início do ano passado.

No local, foram encontradas 175 peças de cerâmica indígena, de dois assentamentos distintos --o primeiro, por volta de 1.100, e o segundo, de 1.600. Nenhuma cerâmica foi encontrada inteira. "Infelizmente, toda a área foi muito movimentada, o que dispersou o material", explicou Cali.

O resultado das datações da cerâmica foram feitos com método de termoluminescência, pelo Departamento de Física Nuclear do Instituto de Física da

USP (Universidade de São Paulo). "A datação da cerâmica mais rústica, de 1.100, colocou o sítio como o mais antigo do Vale do Paraíba", disse o arqueólogo.

Essa informação, no entanto, não consta nas 43 páginas da obra, já que o resultado da datação ficou pronto após o lançamento da primeira edição, com 400 exemplares.

Os livros, de acordo com Cali, já começaram a ser distribuídos gratuitamente para escolas, bibliotecas e centros de pesquisa da região.

O arqueólogo destaca que a publicação é a

única até o momento que traz uma síntese do povoamento indígena no Vale do Paraíba, caracterizando os grupos já identificados, como maramomis, tupiniquins, tamoios e tupinambás. "Além disso, a obra também discute a necessidade de estudos em áreas de interesse arqueológico, com o apoio de políticas municipais", completou.

O arqueólogo Plácido Cali no sítio arqueológico Rio Comprido, em Jacareí; ao lado, pedaço de cerâmica indígena de 1.100, peça mais antiga encontrada no Vale do Paraíba



Lei obriga empresa a publicar estudos

Jacareí

O primeiro sítio arqueológico de Jacareí foi descoberto na década de 80, na área do loteamento Santa Marina, que fica próximo ao Rio Comprido. Nesta incursão ao passado foi possível descobrir a primeira datação do Vale do Paraíba às vésperas do Descobrimento do Brasil, em 1480.

Esse trabalho também será transformado em um livro assinado por Erica Gonzales, Paulo Zanetini e Wagner Gomes Bernal, que será lançado no final de julho.

Uma lei federal torna obrigatório que as empresas loteadoras transformem o serviço de salvamento desses sítios em publicações para devolver as informações à comunidade.

A empresa responsável por esse loteamento é a Mônaco Siani, que acatou essa determinação do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e do Ministério Público. O trabalho de salvamento foi realizado também em parceria com a Fundação Cultural de Jacarehy.

A descoberta desse sítio no lote-

amento Santa Marina detectou a presença de índios tupis guaranis na região com o resgate de objetos utilitários e de rituais, alguns inteiros como uma urna funerária e uma tigela. "Esses materiais permitiram uma visão global de Jacareí, padrão de assentamento e acabou dando impulso para detectar os outros dois sítios (no loteamento Vila Branca e no Vila Aritaia)", diz Bernal.

A maior parte do material já foi classificada e inventariada, algumas também estão passando por reconstituição gráfica.

Peças que não foram encontradas inteiras passaram por uma reconstituição em pasta de cerâmica com queima rudimentar de baixa temperatura e receberam pintura com mesmo material utilizado pelos índios como a tabatinga (branco), urucum (vermelho) e genipapo (preto).

Parte do material também já se encontra em exposição em uma sala do MAV (Museu de Antropologia do Vale do Paraíba) e restante poderá ser transformado em uma exposição que vai percorrer as escolas de Jacareí.

Obra descreve grupos indígenas da região

Jacareí

Segundo o livro de Plácido Cali, a maior parte dos grupos indígenas que ocuparam o Vale do Paraíba pertencia às famílias linguísticas tupi-guarani e puri.

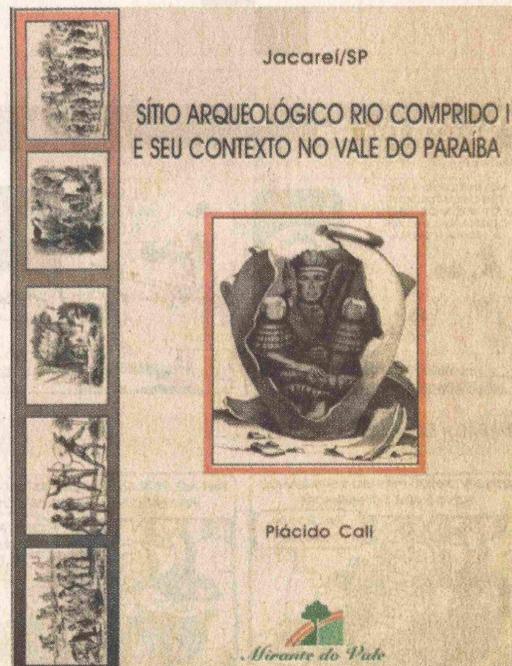
Além disso, a região pode também ter abrigado grupos pré-coloniais de caçadores e coletores nômades.

A obra indica que os maramomis, terminós, tupiniquins, guarulhos, guaianás, tamoios, tupinambás, goitacás e puris foram alguns dos grupos indígenas que estiveram na região.

A maior parte deles desapareceu com o tempo, foram dizimados por expedições de portugueses e outros foram convertidos pelos padres ajudando-os nas igrejas e trabalhando em fazendas, como os maramomis.

Os puris, por exemplo, seguiam um padrão para formação de suas aldeias, buscando pontos mais elevados, próximos às fontes de água, farta caça, pesca e vegetais.

Esse padrão de assentamento pôde ser detectado nos sítios arqueológicos do Rio Comprido I e Santa Marina.



Sítio Arqueológico Rio Comprido I e Seu Contexto no Vale do Paraíba. Cali, Plácido, Mirante do Vale, 1999. Exemplares estão sendo distribuídos gratuitamente para escolas, bibliotecas, universidades, professores, pesquisadores e centros de pesquisa. Contatos pelo endereço: avenida Dr. Nelson D'Ávila, 1.100, apartamento 15, bloco 1, São José dos Campos, cep 12.245-051.

valeviver!



**Rádio de Aparecida
cria museu**

Rádio ligada à Igreja Católica
comemora 50 anos de
funcionamento expondo acervo
Página 6

Vale do Paraíba, domingo, 15 de julho de 2001

Radar

Festival de Cunha tem Festa do Divino

O Festival de Inverno de Cunha tem atividades variadas neste domingo. O Coral Vocalis, da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, de São José dos Campos, se apresenta na Igreja Matriz, às 20h30. A dupla Fábio e Luciana se apresenta às 22h no palco da Praça Matriz. A Festa do Divino Espírito Santo, que começou no dia 6, tem distribuição de afofado, depois de missa solene, às 10h, também na Igreja Matriz. O festival foi "engrossado" esta ano com alguns eventos da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, e vive uma de suas edições com mais eventos.

Divulgação



Coral Vocalis em Cunha

Rio Negro e Solimões fecham Fapija

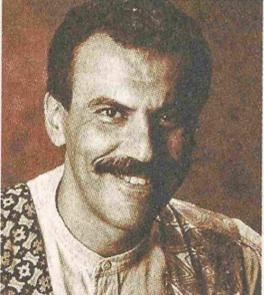
A dupla sertaneja Rio Negro e Solimões faz show bofe, às 22h, no último dia da Fapija (Feira Agropecuária e Industrial de Jacareí). Os cantores mostram sucessos que os tornaram uma das mais conhecidas duplas do país. A Fapija acontece na Escola Agrícola Cônego José Bento, na avenida Nove de Julho, no centro de Jacareí. Os ingressos custam R\$ 10 e R\$ 5 (estudantes). Das 6h às 10h, entrada gratuita e, das 10h às 11h, um quilo de alimento ou um agasalho valem o ingresso. Mais informações pelo telefone (0xx12) 353-5451.

Spirituals de Porco faz show em Taubaté

O grupo Spirituals de Porco se apresenta bofe, às 11h, no Sesc Taubaté, em apresentação à capella, ou seja, sem acompanhamento de nenhum instrumento musical. O Spirituals de Porco criou arranjos para estilos musicais como o rhythm'n'blues, pop e MPB. Os quatro integrantes do grupo vão apresentar uma performance cênica bem humorada, com vozes de soprano, tenor contralto e baixo, com repertório que inclui "Vamos Fugir", "A Lua e Eu" e "I Feel Good". A entrada para o show é gratuita.

Leia Mais...

Divulgação



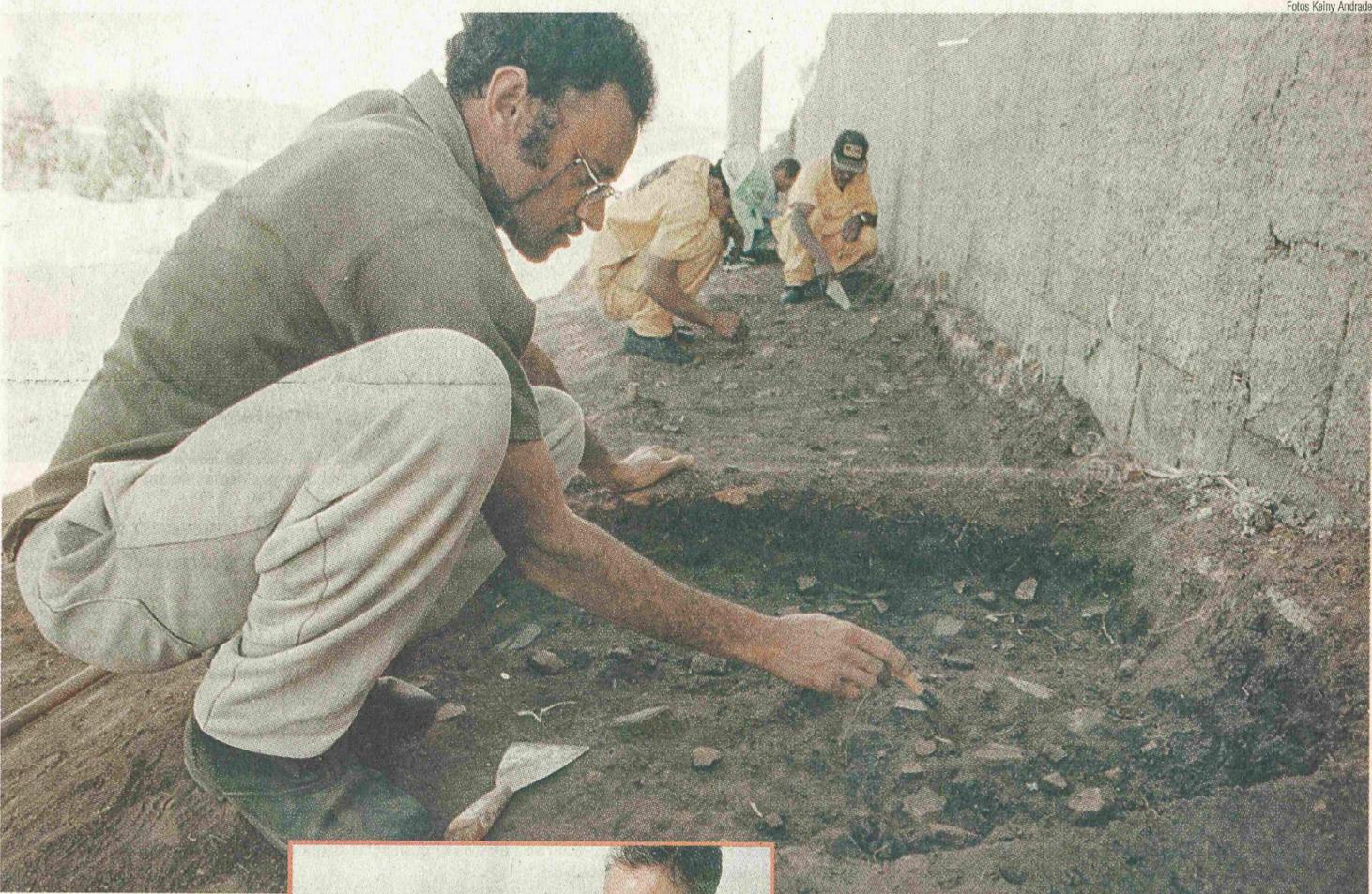
O cantor Danilo Caymmi

Toquinho e Danilo Caymmi em Campos

O Festival de Inverno de Campos do Jordão traz bofe uma programação recheada de música erudita e MPB à praça do Capivari e ao Auditório Cláudio Santoro. A programação do dia no Auditório Cláudio Santoro começa às 11h, com a Banda Jovem do Estado de São Paulo interpretando "O Grande Circo Místico", da obra de Edu Lobo e Chico Buarque. Na Praça do Capivari fazem apresentação a orquestra do projeto Guri com Toquinho e Danilo Caymmi.

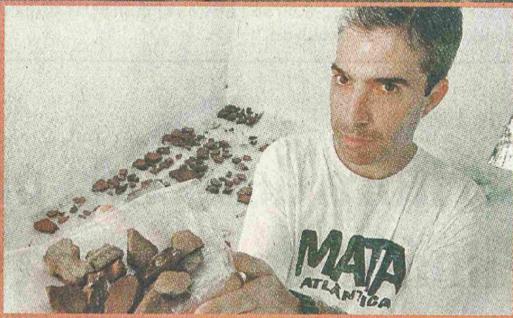
Página 3

Fragments da história indígena



Fotos Keiny Andrade

Manoel Vicente da Silva e outros técnicos escavando o local onde foi encontrado o sítio arqueológico; no detalhe, o arqueólogo Plácido Cali mostra algumas das cerâmicas encontradas



Novo sítio arqueológico encontrado em Jacareí sedimenta história dos índios tupis-guaranis e puris na região

lisadas.

A área com material arqueológico, no entanto, é provavelmente maior, segundo o arqueólogo responsável pelas pesquisas, Plácido Cali. "Com certeza a região com material indígena é mais extensa, mas está situada sob outras propriedades, inclusive a estrada do

Rio Comprido".

Os achados, em larga escala, são descobertos na medida em que as cidades se expandem. "Mais recentemente, com o crescimento dos municípios do Vale, pudemos realizar um acompanhamento mais próximo do material arqueológico descoberto, pois tivemos melhores

condições para analisá-lo. Podemos, agora, captá-lo e catalogá-lo devidamente", diz. O Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) está acompanhando os trabalhos no sítio.

A região do Rio Comprido recebeu diversos grupos indígenas desde o século 11, comprovadamente.

"Essa área oferecia condições muito favoráveis ao seu povoamento: terra rica em caça e pesca, um rio navegável, argila em abundância, que é a matéria-prima para a cerâmica, e seixos de pedra, que eram utilizados eventualmente para fabricar artefatos", analisa Cali.

Mas não apenas essa localidade foi povoada por indígenas. Todo o Vale possui focos de povoamento, registrados por viajantes e cronistas, como Hans Staden, e sítios escavados ao longo do século 20 e nos últimos dez anos, como em São José dos Campos, que teve quatro focos descobertos de 98 até hoje.

"Toda a história da região é permeada por relatos de povos indígenas e descobertas de material desses povos, como urnas funerárias e ossos humanos", afirma Cali.

O sítio arqueológico está aberto para visitação, até o final do mês, de estudantes e interessados. Os contatos devem ser feitos pelos telefones (12) 343 3440 e (12) 9785 7435. O sítio está com atividades abertas de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h.

Cerâmicas são resquícios

Jacareí

Os povos indígenas que habitavam o Vale do Paraíba foram predominantemente pertencentes ao tronco Tupi-Guarani e Puri, como Tupinambás, Tupiniquins, Guarulhos, Goitacás e Guaianás, mas existem relatos, não muito precisos, de índios do tronco Jê.

Nos sítios escavados, o principal material de pesquisa são as peças de cerâmicas encontradas,

que tem uma variedade de produção enorme, demonstrada nos desenhos realizados, nas cores e nas formas.

"No universo da cultura material indígena, a cerâmica era apenas um dos elementos, entre a cestaria, trabalhos em madeira e utensílios de pedra. Mas para a pesquisa, essa é a produção mais importante, por causa de sua abundância e durabilidade",

analisa o arqueólogo Plácido Cali.

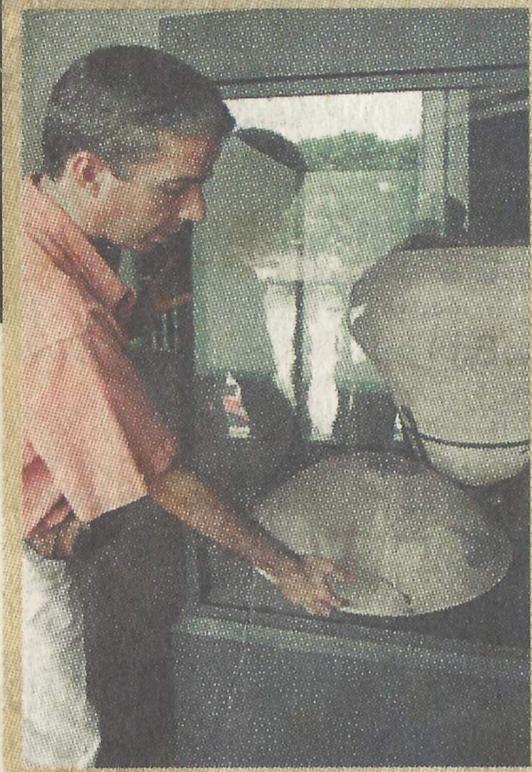
Para medir a idade dos povos, está sendo utilizada a técnica da Termoluminescência, que é aplicada à cerâmica, e a do Carbono 14 em materiais orgânicos, que quase não são encontrados na região. Os dois processos dão uma margem de erro na datação de 50 a 60 anos para mais ou para menos.

Vale do Paraíba, domingo, 24 de fevereiro de 2002

AVENIDA SAMUEL WAINER, 3.755 • SÃO JOSÉ DOS CAMPOS • ANO 50 • Nº 14.031 • R\$ 2,00

<http://www.valeparaibano.com.br>

Kelly Andrade



Memória em Xequê

Um tesouro ameaçado: de 100 sítios achados em 14 municípios do Vale, só dois foram corretamente estudados

Sem apoio, região pode perder sítios arqueológicos

José Carlos Júnior
São José dos Campos

A maioria dos sítios arqueológicos encontrados em todo o Vale do Paraíba foi perdida.

Nos últimos 100 anos, foram encontrados mais de 100 sítios em 14 municípios da região, mas apenas em Jacareí foram feitas as datações de achados indígenas —no Rio Comprido (do ano 1100) e no Santa Marina (do ano 1470).

As demais cidades da região não possuem datações —processo feito em laboratório que determina a idade do material.

“A história do Vale ainda precisa ser contada. Os achados no distrito de São Francisco Xavier, por exemplo, ainda são um mistério”, disse o arqueólogo Plácido Cali.

A região também é uma das únicas em todo o Estado que ainda não passou por pesquisas intensas sobre todos as ferramentas, urnas mortuárias e peças de cerâmicas. O órgão que mais se dedica ao trabalho em São Paulo é o Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (Universidade de São Paulo).

O último sítio indígena foi encontrado em Canas em dezembro de 2001, durante escavações feitas para a implantação da rede de esgoto em uma área onde estão sendo construídas casas populares da CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano).

As duas urnas mortuárias per-

tencentes à São José, uma encontrada em 91 com fragmentos de ossos humanos, estão trancadas na igreja São Benedito.

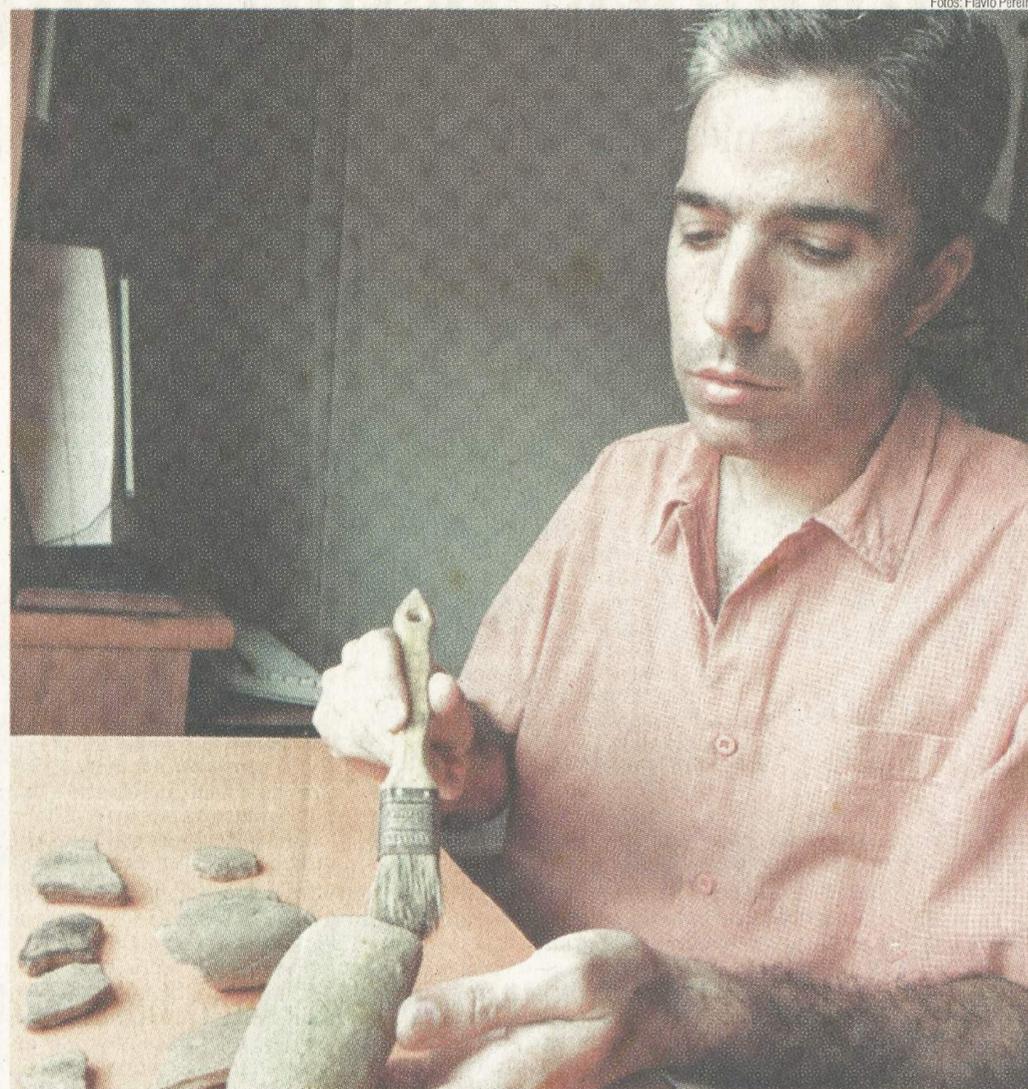
IPHAN - Segundo o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), a pesquisa em um sítio arqueológico só pode ser iniciada com a portaria de aprovação emitida pelo órgão. Os recursos financeiros destinados às pesquisas podem partir de órgãos governamentais ou particulares.

Segundo o arquiteto Victor Mori, do escritório do Iphan em São Paulo, os sítios são bens da União e não podem ser destruídos se forem constatados que são importantes para estudos.

CARTA - A Fundação Cultural de São José está estudando a criação de uma carta arqueológica municipal. Segundo o diretor de Patrimônio, Vitor Chuster, o objetivo é identificar vestígios das antigas civilizações.

“O projeto piloto tem foco para a zona leste. A carta identifica as zonas de interesse e os locais onde possivelmente foram agrupamentos indígenas no passado.”

O Museu de Antropologia deverá ser consultado sobre a carta para que a Fundação possa saber se o método é adequado. O projeto, se aprovado, deve ser aplicado para se evitar a perda de sítios arqueológicos.



Fotos: Flávio Pereira



O historiador Plácido Cali olha peças encontradas em sítios arqueológicos do Vale; parte do acervo está exposto em Jacareí

Ilhabela busca sinais do passado

Ilhabela

Em março, uma equipe de arqueólogos iniciará as escavações na praia da Pacuíba, em Ilhabela. No local foram encontradas as ruínas de um engenho de cana-de-açúcar, cerâmica, louças e artefatos de vidro.

A administração municipal patrocinou um estudo o qual foi possível catalogar 44 sítios arqueológicos de mais de 2.500 anos de idade. Além de Jacareí, que tem um dos mais importantes museus arqueológicos do Estado, Ilhabela é outro dos poucos municípios que investem no setor.

“A colonização portuguesa chegou em Ilhabela em 1502”, disse o arqueólogo Plácido Cali.

A cidade criou em 99 o Instituto Histórico, Geográfico e Arqueológico de Ilhabela. A primeira cerâmica Itararé, que pertence aos índios da família Jê. As novas pesquisas serão feitas nas grutas e em abrigos sub-rochas —usados para acampamentos ou rituais funerários.

Além de Ilhabela, foram encontrados sítios arqueológicos em Ubatuba, São Sebastião, São José, Jacareí, Caçapava, Taubaté, Aparecida, Canas, Guarará, Jambuí, Paraíba, Natividade da Serra e São Bento do Sapucaí.

Flexa achada em S. José sumiu

São José dos Campos

A falta de um material único que reúna dados sobre todos os sítios arqueológicos encontrados na região levou o arqueólogo Plácido Cali a escrever um trabalho inédito —o livro “Arqueologia no Vale do Paraíba”, iniciado no final de 99 e em fase final para publicação.

O objetivo da obra é atender às necessidades de estudiosos e

professores que procuram material para trabalhar com alunos em sala de aula.

A maior parte das tribos indígenas que ocupavam a região pertencia às famílias linguísticas tupi-guarani e puri. A primeira urna funerária foi encontrada em 1908 em Aparecida e o primeiro levantamento arqueológico de São José foi feito apenas em 1946.

Em 1994, com a abertura da rodovia Carvalho Pinto, foram

encontrados vários sítios em Taubaté, Caçapava e Jacareí. A descoberta da cerâmica indígena no loteamento Mirante do Vale, em Jacareí, obrigou a empresa a fazer o levantamento e pesquisa do material em 98.

Em São Bento foram encontradas pedras polidas e mão de pilão. Em São Francisco Xavier, as pontas de flexa em cristal de quartzo encontradas na década de 80 estão desaparecidas.

ESPORTES

Derrota por 3 a 2 deixa Timão com esperanças

Página 4



São Paulo, Santos e Lusa passam para a próxima fase; Vasco elimina Ponte Preta

Página 2

SERRANA
DESMENTE
NEGOCIAÇÃO
COM S. JOSÉ

Copa

NACIONAL

Governo libera pedágio para os caminhoneiros

Copa

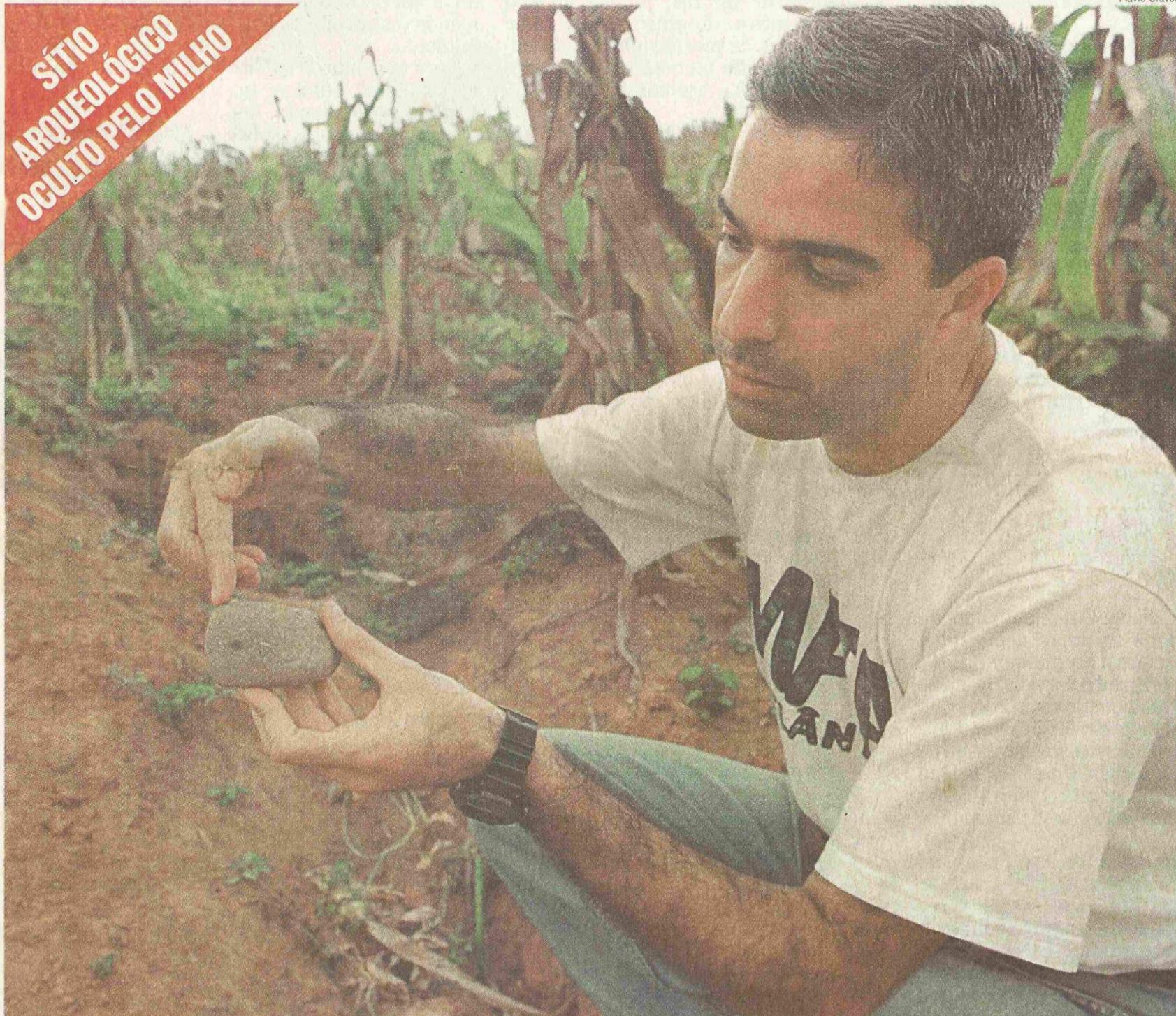
Vale Paraibano

Vale do Paraíba, quinta-feira, 4 de maio de 2000

AVENIDA SAMUEL WAINER, 3.755 • SÃO JOSÉ DOS CAMPOS • ANO 48 • Nº 13.464 • R\$ 1,00

<http://www.valeparaibano.com.br>

SÍTIO
ARQUEOLÓGICO
OCULTO PELO MILHO



O arqueólogo Plácido Cali mostra artefato de pedra polida, similar a uma machadinha, achado em um milharal em sítio da zona sul de São José

Tesouro Escondido

O lavrador Vicente Anselmo descobriu em uma roça de milho vestígios de um sítio arqueológico em São José que pode ser o mais antigo do Vale do Paraíba. O local fica na Vila Colinas, na

zona sul, e foi vistoriado pelo arqueólogo Plácido Cali, do Centro de Estudos e Defesa do Patrimônio Cultural de São José. Foram encontrados dez fragmentos de cerâmica indígena e dois instrumentos —um deles similar a um machado de pedra polida. Ainda não foi feita datação dos objetos. “Estou orgulhoso. Achei um tesouro”, disse Anselmo ao **ValeParaibano**.

Página 10

Um grupo de cinco homens armados sequestrou a gerente do banco Itaú de Pinda. Ela, o marido e o filho foram mantidos como reféns durante 14 horas em sua casa, no bairro da Vista Verde, na zona leste de São José —no oitavo caso de sequestro envolvendo familiares de bancários apenas este ano no Vale do Paraíba. Os assaltantes pediram R\$ 300 mil para libertar os três. O banco liberou parte do dinheiro. A família foi solta separadamente —a gerente foi libertada em Quirinim, em Taubaté, e sua família, em Diadema, no Grande São Paulo. Ninguém ficou ferido.

Página 3

SÃO JOSÉ
FAZ PASSEATA
CONTRA A
VIOLENCIA

Página 4

Menor rouba lotérica com revólver falso

Três adolescentes foram detidos pela PM em São José após assaltar uma lotérica com uma arma de brinquedo —réplica de uma pistola 380. Eles deveriam estar na escola na hora do assalto. O trio levou R\$ 151, cigarros e TeleSena.

Página 4

Patrimônio Histórico

Lavrador acha 'tesouro' indígena

Chácara da zona sul de São José abriga restos de aldeia primitiva ainda não identificada

Adriana Ustulim
São José dos Campos

Um sítio arqueológico foi encontrado por acaso em uma chácara na Vila Colinas, na região sul de São José, próximo à rodovia dos Tamoios.

O local seria o primeiro da cidade a ser cadastrado como sítio arqueológico junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, órgão do Governo Federal responsável pelo gerenciamento do patrimônio arqueológico brasileiro.

A descoberta foi feita há 10 dias pelo lavrador Vicente Anselmo, 54 anos, quando ele cuidava de uma roça de milho. "Encontrei um material diferente e senti que aquilo era bastante especial e devia ser muito antigo."

Anselmo diz estar orgulhoso e sentindo que encontrou um "tesouro". Ele e o proprietário da área, o desempregado Aparecido Gomes de Alencar, decidiram procurar especialistas.

Para Alencar, que comprou a chácara de um irmão, a descoberta poderá valorizar a área.

Na primeira vistoria ao local, feita pelo arqueólogo e coordenador do Centro de Estudos e Defesa do Patrimônio Cultural de São José, Plácido Cali, foram encontrados dez fragmentos de cerâmica indígena e dois instrumentos, um deles parecendo um machado de pedra polida.

Cali disse que, como nenhuma pesquisa foi realizada no sítio, não é possível saber detalhes sobre a origem dos objetos.

A investigação terá que esperar a colheita do milho, em agosto, para que sejam feitas escavações.

Em uma análise preliminar, o material encontrado revelaria a presença de uma tribo indígena que viveu em uma época diferente das conhecidas até agora. En-



O arqueólogo Plácido Cali (dir.) mostra suposto machado de pedra, ao lado do lavrador Vicente Anselmo, que descobriu os objetos em S. José

tre as diferenças estão o fato de o local ser uma encosta. Os sítios encontrados até agora estão em áreas planas, próximas de rios.

Cali disse que a cerâmica indígena coletada na chácara talvez seja suficiente para fazer a datação arqueológica. O trabalho é feito no Instituto de Física Nuclear da USP e na Fatec.

A datação custa R\$ 250, mas o Centro não dispõe de verba para pesquisa e vai precisar de ajuda da iniciativa privada. "É importante sensibilizar o poder público e a sociedade sobre a importância desse trabalho", disse Cali.

São Francisco é o mais antigo

São José dos Campos

Vários sítios arqueológicos já foram encontrados em São José, mas nenhum deles foi cadastrado no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, segundo o arqueólogo Plácido Cali. A falta do cadastro não garante que o local seja preservado.

As primeiras descobertas fo-

ram feitas em 1936, com o levantamento inicial de Ruy Tibiriça. Em 1946, o Barão Otorino de Fioresi de Cropani identificou seis sítios —incluindo áreas da atual Vila Tatetuba e no Cajuru, zona leste da cidade.

As descobertas mais recentes aconteceram entre 1988 e 1991, quando foram encontradas urnas funerárias de tradição tupi-guarani no Jardim Três Josés e

no Bosque dos Eucaliptos.

Segundo Cali, estão sendo identificados sítios em Eugênio de Melo e São Francisco Xavier, que está sendo considerado o mais importante por ser o mais antigo.

"O de São Francisco é um sítio lítico de caçadores e coletores nômades da pré-história, único até o momento na região", disse Cali.

Religiosidade

Vale recebe relíquias de São Vicente

São José dos Campos

As relíquias de São Vicente de Paulo chegam hoje a Jacareí. Outras 12 cidades do Vale do Paraíba, incluindo São José, também vão participar da peregrinação.

A estimativa da Sociedade São Vicente de Paulo é que 25 mil pessoas acompanhem a passagem das relíquias pela região.

As relíquias são fragmentos de ossos e uma gota de sangue de São Vicente. Elas são conservadas em um relicário em formato de catedral e ficam guardadas em Paris, na França.

O presidente do Conselho Metropolitano de São José (que integra a sociedade), Francisco Donizetti Gonçalves, disse que é a primeira vez que as relíquias passam pelo Brasil em peregrinação.

"A passagem das relíquias pelo Brasil é um fato de extrema importância para nós. A realização desse tipo de peregrinação por vários países é um fenômeno muito raro." A passagem das relíquias pelo Brasil começou em setembro do ano passado, no Rio de Janeiro.

São Vicente de Paulo foi canonizado em 1737 e é considerado o patrono de todas as obras sociais da Igreja Católica. A sociedade dos vicentinos foi fundada em 4 de agosto de 1872 e está presente em 135 países.

O Brasil tem mais de 250 mil vicentinos. Desse total, mais de 10 mil estão no Vale do Paraíba. Eles se dedicam a obras sociais em hospitais, asilos, orfanatos e creches.

Entre as atividades previstas para a peregrinação pelas cidades do Vale foram programadas carreatas, exibição de vídeos, palestras e missas.

A peregrinação no Vale vai até o dia 16. Depois do Vale, as relíquias seguem para Minas Gerais. O retorno à França está marcado para 25 de setembro.

As relíquias participam de carreata hoje às 17h em Jacareí e de vigília às 22h no Santuário do Carmo. Em São José, as relíquias chegam amanhã às 18h na Paróquia Espírito Santo, onde estão previstas missa e vigília.

Arqueologia

Paraibuna explora sítio do século 19

Grupo encontra 1.500 peças entre louças e outros objetos que passarão a fazer parte do acervo municipal

Ana Cláudia Mattos
Paraibuna

A Fundação Cultural Benedito Siqueira Silva, de Paraibuna, iniciou há 15 dias a exploração de um sítio arqueológico descoberto nos fundos de sua sede, na região central. Foram encontradas até o momento no local aproximadamente 1.500 peças do século 19.

O sítio arqueológico, batizado de 'Souza Camargo', foi localizado no final do ano passado, após um desmoronamento de barranco provocado pelas chuvas.

"O desmoronamento trouxe peças que estavam enterradas atrás do prédio", disse o arqueólogo responsável pela exploração, Plácido Cali, 41 anos.

Segundo ele, a sede da Fundação Cultural é um prédio antigo utilizado no século 19 como casa de fim-de-semana por nobres fazendeiros —como o barão Souza Camargo, que deu nome ao sítio arqueológico.

Enterrar o lixo doméstico e peças quebradas ou sem serventia, segundo o arqueólogo, era prática comum nos séculos passados. "Não existia coleta de lixo na época, as pessoas tinham o costume de enterrar lixos e peças que não usavam mais na parte dos fundos das casas", disse o arqueólogo.



Com a escavação do terreno, autorizada pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), cerca de 1.500 relíquias já foram encontradas até o momento.

São louças inglesas —como pratos, xícaras, sopeiras e outros—, garrafas, vidros de remédios e de perfumes, assim como chaves e demais objetos que agora já fazem parte do acervo cultural da prefeitura.

A escavação está prevista para terminar neste mês. "Até o final do ano, devemos encontrar cerca de 3.000 peças no sítio arqueológico", disse.

PATRIMÔNIO
Grupo trabalha no local onde foram encontradas as peças do século 19, em terreno atrás da sede da Fundação Cultural de Paraibuna

►origem. "Algumas peças continuam nos locais por enquanto para que sejam expostas à visitação."

O objetivo, segundo ele, é possibilitar a estudantes e à população interessada conhecer o que é e como é feita a exploração de um sítio arqueológico. "Existem outros seis sítios arqueológicos pré-históricos, com sinais indígenas como machados e pedras localizados em Paraibuna", disse.

No entanto, apenas este teve a autorização do Iphan para a exploração. "Nossa intenção é fazer um projeto de todos os sítios arqueológicos da cidade", afirmou.

Cali disse que os objetos encontrados nos sítios arqueológicos contribuem para resgatar a história de Paraibuna. "O que encontramos nos sítios arqueológicos não existe em documentos, a partir daí podemos contar uma nova história da cidade", disse Cali.

VISITAÇÃO PÚBLICA - Visitas ao local do sítio arqueológico podem ser agendadas na Fundação Cultural de Paraibuna, pelo telefone (12) 3974-0716.

Saiba Mais

SÍTIO ARQUEOLÓGICO SOUZA CAMARGO

► **Local:** atrás da sede da Fundação Cultural de Paraibuna, na região central

► **Peças:** até o momento, foram encontradas 1.500 peças do século 19, entre louças inglesas, vidros de remédios e perfumes, entre outros

► **História:** os antigos fazendeiros enterravam o lixo doméstico e peças sem serventia atrás das casas

► **Final da exploração:** prevista para terminar neste mês

► **Expectativa:** encontrar cerca de 3.000 peças no total

Fonte: Fundação Cultural de Paraibuna

ORIGEM - Apesar de localizadas, segundo Cali, nem todas as peças foram retiradas do local de ►

Memória

Obra 'resgata' fábrica de louça

Peças que ajudam a contar a história da extinta Fábrica de Louças Santo Eugênio são encontradas por acaso

Fotos: Flávio Pereira

Frederico Rebelo Nehme

São José dos Campos

A construção de um estacionamento está trazendo à tona a história de uma das primeiras grandes indústrias de São José dos Campos: a extinta Fábrica de Louças Santo Eugênio, que tinha sede no centro da cidade, na avenida Nelson D'Ávila.

No local da fábrica está sendo construído um show-room de uma nova unidade da loja de automóveis Veibras. Ao ser cavada uma parte do terreno para a construção de um estacionamento, foram encontrados diversos pedaços da louça produzida pela fábrica.

A empresa utilizava esse terreno como uma espécie de depósito onde eram colocadas as peças com defeitos de fabricação ou quebradas.

A Santo Eugênio foi demolida nos anos 70, para a instalação da empresa Hermes Macedo. A cerâmica funcionou desde 1921 e é considerada a primeira indústria de porte de São José, segundo a historiadora Maria Luísa Moreira, que iniciou um estudo sobre a indústria de louças no município.

"A Santo Eugênio foi a primeira fábrica de grande porte de São José dos Campos. Ela acompanhou todo o crescimento recente da cidade durante esse período", diz.

A fábrica produzia peças de louça populares, como pratos, xícaras, tigelas e copos, sem detalhamentos ou traços re-

Algumas peças encontradas estão sendo retiradas do local para análise pelo historiador e arqueólogo Plácido Cali, que chegou a separar alguns padrões. Está em estudo a possibilidade de um local permanente de exposição das peças na loja que está sendo aberta.

De acordo com o proprietário da Veibras, Antonio Carlos Davoli, a idéia de preservar a memória das empresas da cidade é importante. "Eu acho interessante fazer esse tipo de resgate no município".

Davoli afirmou ter sido uma "surpresa" o fato de ter encontrado as peças de louça no local. "Nunca tinha passado pela minha cabeça encontrar algo assim. Nós fomos surpreendidos, quando começamos a cavar".

Segundo a pesquisa de Maria Luísa, a fábrica teve grande participação na vida econômica do município, gerando emprego para pessoas vindas de diferentes locais da região e do sul de Minas Gerais. A empresa chegou a manter 2.000 funcionários.

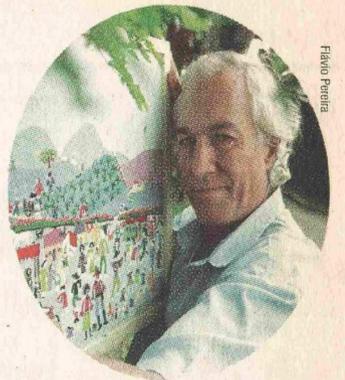
Outro mérito da empresa foi formar mão-de-obra especializada. No local chegou a funcionar uma escola de pintura, na qual os alunos que se destacavam eram empregados.

A fábrica gerou outras empreitadas na cidade. Surgiram duas cerâmicas: a Conrado e Bonádio S.A. e a Irmãos Weiss, formadas nos anos 40 com a participa-



O historiador e arqueólogo Plácido Cali recolhe fragmentos

valeviver!



Primitivismo é
estilo de Silvério

Artista de Taubaté mostra a
simplicidade dos costumes e
vilarejos do homem do campo
Página 6

Vale do Paraíba, quinta-feira, 7 de março de 2002

Fotos Flávio Pereira



O arqueólogo
Plácido Cali
analisa a
situação das
estações do
Limoeiro (ao
lado) e
Martins
Guimarães;
prédios são
da Rede
Ferroviária

A história arquitetônica em ruínas

Estado de deterioração de
patrimônio histórico e arquitetônico
da cidade motiva bancada da
oposição a pedir soluções urgentes

São José dos Campos

A deterioração de alguns
patrimônios históricos
preservados por lei mu-
nicipal em São José le-
vou a bancada petista da cidade a
uma vistoria e avaliação sobre a
atual situação dos prédios. Dos
14 bens municipais preservados,
quatro estão gravemente danifi-
cados por problemas que vão de
cupins a ações do tempo.

O grupo que está visitando os
locais, formado pelos vereadores
Mauro Kano, Giba Ribeiro, Amé-
lia Naomi, Maria Izélia e Neuza
do Carmo, do PT e pelo historia-
dor e arqueólogo Plácido Cali,
está dispensando atenção especial
às estações ferroviárias — Limoeiro
e Martins Guimarães — às
igrejas de Nossa Senhora Aparecida
e de São Benedito, ambas no
centro da cidade.

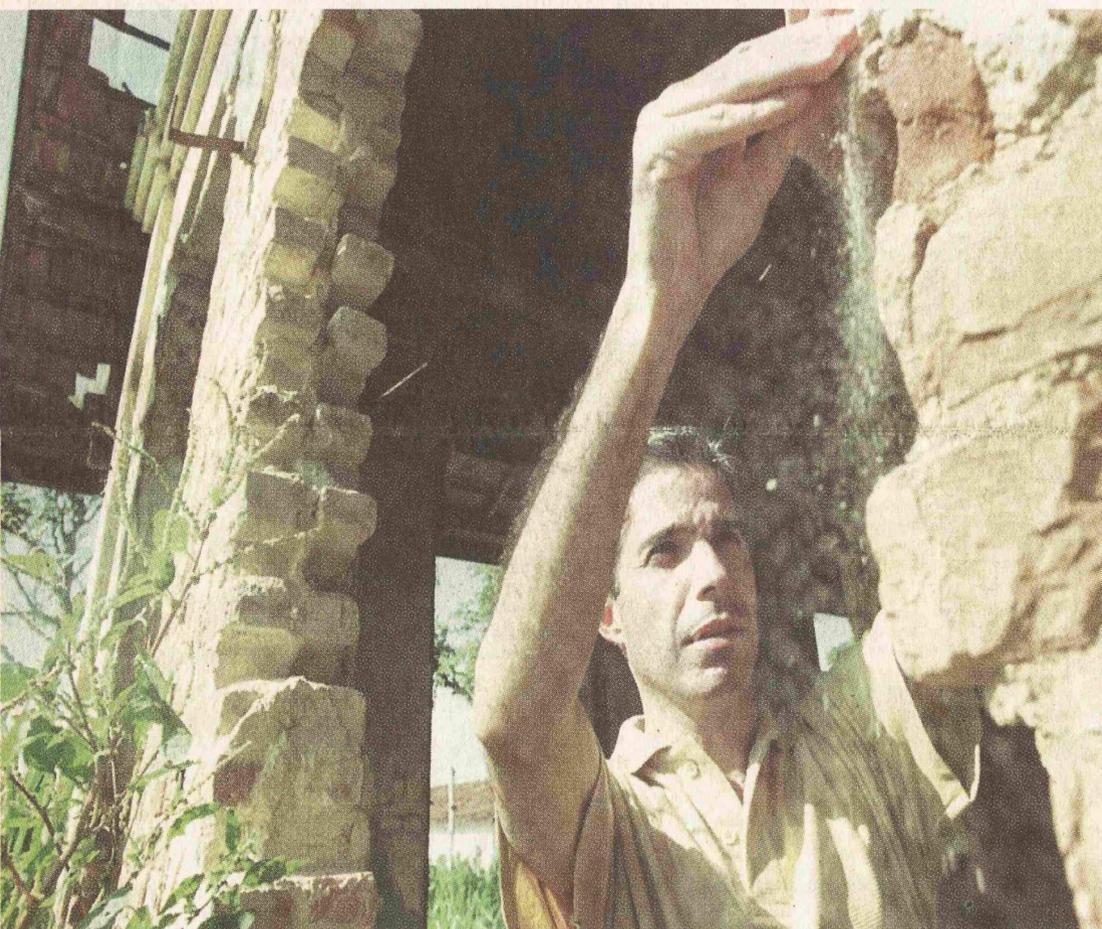
Esta última, também tombada
pelo Condephaat (Conselho de De-
fesa do Patrimônio Histórico, Artís-
tico, Arqueológico e Turístico do Es-
tado de São Paulo), está interditada
há seis anos devido ao risco de desa-
bamento do telhado que foi pratica-
mente consumido por cupins.

Localizada na praça Afonso
Pena, a igreja é considerada um dos
principais patrimônios da cidade,
por estar entre as mais antigas cons-
truções. Segundo o arqueólogo Plá-
cido Cali, a São Benedito é a única
igreja local feita em "Taipa de Pi-
lão", madeira importada da Ingla-

terra que data do século 19. "O pré-
dio precisa passar por uma restau-
ração urgente, o telhado já foi qua-
se todo destruído por cupins e ações
do tempo, ameaçando desabar. Se
nenhuma providência urgente for
tomada, a população ficará orfã de
parte da sua história", disse.

Os vereadores também alegam
que o acervo do museu municipal,
onde está o arquivo público no Par-
que da Cidade, estaria mal conse-
rvado e ameaçado. Mas o arqueólo-
go não esteve presente à vistoria que
aconteceu na semana passada.
Para a vereadora Amélia Naomi
o grande problema é o descaso com
que os prédios estão sendo tratados.
"Esses prédios fazem parte da histó-
ria do joseense e se eles desaparece-
rem, as raízes e origens da cidade
morrem junto". Outro prédio que o
grupo dedica atenção especial é a
igreja de Nossa Senhora Aparecida.
Inaugurada em 1906, a capela foi
construída pela família Cursino e
na década de 80 foi doada a Mitra
Diocesana de Taubaté. Vítima do
abandono por cerca de 30 anos, o
prédio hoje pertence a prefeitura e
foi tombado em 1988.

Rachaduras, entulhos e algu-
mas eventuais invasões de mendigos
ameaçam o que já foi local de
muitas festividades da comunidade
joseense. As estações ferroviárias
Martins Guimarães e do Limoeiro
também são vítimas de depredação
e demolição internas. A última,
hoje é residência de três mendigos.



Prédios

Igreja São Benedito - 1876
Praça Afonso Pena, 267, centro
Tombada pelo Condephaat em
1980

Problemas: cupins principalmente
no telhado; atualmente interditada

Igreja Nossa Senhora Aparecida -
início do século 20
Travessa Chico Luiz, centro
Preservada pelo município em
1994

Problemas: rachaduras, entulhos e
invasão de mendigos

**Estação Ferroviária Martins Gui-
marães** - início do século 20
bairro Martins Guimarães
Preservada pelo município em
1996

Problemas: depredação, janelas e
portas removidas, paredes internas
demolidas e telhado destruído

Estação Ferroviária do Limoeiro -
1894
bairro do Limoeiro
Preservada pelo município em
1996

Problemas: janelas alteradas, depre-
dação, soterramento irregular, inva-
são de mendigos

Burocracia emperra solução

São José dos Campos

O presidente da Fundação
Cultural Cassiano Ricardo, Ed-
mundo Carvalho, afirmou que
os procedimentos para restaura-
ção das igrejas de São Benedito
e Nossa Senhora Aparecida já
vêm sendo tomados há oito me-
ses.

"Contratamos uma empresa
para avaliar a situação das igre-
jas. O problema é que o processo
é delicado e lento. Mas toda a do-
cumentação foi protocolada e en-
viada hoje (ontem) ao Ministério
da Cultura, solicitando o apoio
de empresas por meio da lei Rou-
net", disse.

Segundo Carvalho, o restau-

ro da São Benedito está orçado em
R\$ 800 mil e da Nossa Senhora
Aparecida em cerca de R\$ 400
mil. "A descupinização já está
em andamento e o telhado será
todo trocado assim que acabar o
período das chuvas".

Sobre o acervo do museu mu-
nicipal que ficava na igreja São
Benedito, Carvalho alega que es-
tão todos bem conservados e
acondicionados no arquivo pú-
blico municipal, no Parque da
Cidade.

Quando às estações, o diretor
de Patrimônio Cultural da Fun-
dação, Vitor Chuster, afirmou
que os prédios pertencem a
RFFSA (Rede Ferroviária Fede-

ral Sociedade Anônima).
"Como a empresa está em ex-
tincão e a desapropriação não
pode ser feita, pedimos que a Se-
cretaria de Obras avalie o valor
dos prédios para que possamos
pensar em comprá-los".

A secretária municipal de
obras, Maria Rita de Cássia Sin-
gulano, afirmou que o pedido já
foi feito e que a avaliação será
agendada.



A Igreja
São Benedito
está interdi-
tada há seis
anos; maior
problema é o
telhado, que
corre risco
de ruir

Relojoaria Universal
presente também no
Dia Internacional da Mulher.



A Relojoaria
Universal se
orgulha por
realçar a beleza
natural de
ser mulher.

Call: José Monteiro | Shopping Colinas | Centerville Shopping

Auxiliando

Jacareí e Região - 26 de julho a 02 de agosto de 2001

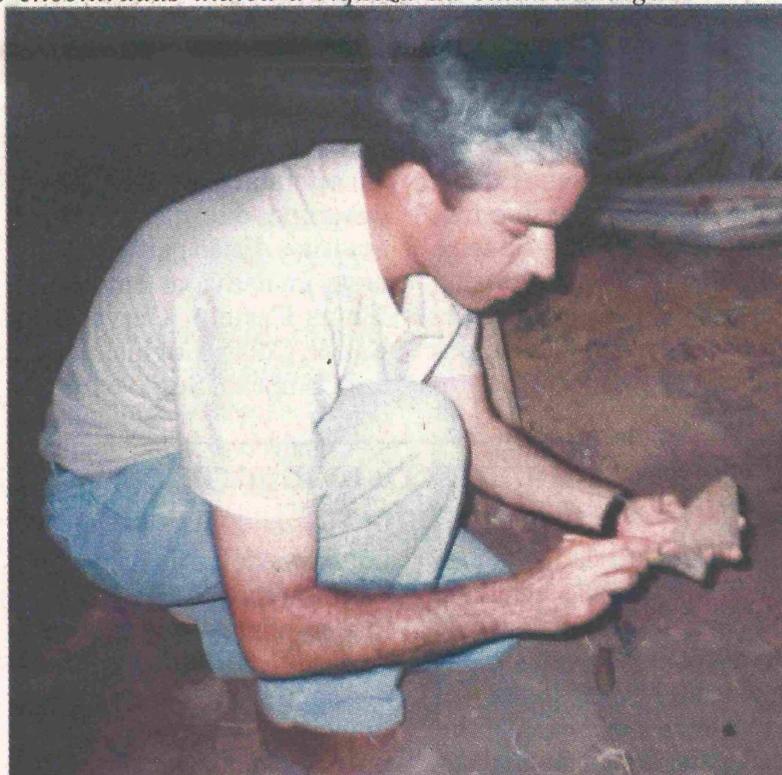
ANO II - EDIÇÃO Nº 44 - NAS BANCAS R\$ 0,80

Arqueólogo pesquisa ocupação indígena em Jacareí

Fotos: Fabiano Grecco



A grande variedade das peças encontradas indica a riqueza da cultura indígena



O arqueólogo Plácido Cali durante trabalho em campo

A ocupação indígena em Jacareí e no Vale do Paraíba ainda é um mistério para pesquisadores, estudiosos, historiadores e arqueólogos. Pouco se sabe sobre os índios que aqui viveram antes da chegada dos colonizadores. De onde vieram, como chegaram e como viviam ainda são perguntas não respondidas.

Os pesquisadores descobriram que a região do Vale do Paraíba foi intensamente povoada pelas tribos tupi-guarani e aratu. No entanto, poucas pesquisas foram feitas para descobrir vestígios dessas antigas civilizações.

Jacareí tem 9 sítios arqueológicos catalogados. O mais recente deles está sendo pesquisado pelo arqueólogo Plácido Cali. O sítio está localizado na Usina de Asfalto da empresa Talavassos, na

estrada velha Jacareí – São José dos Campos. No local será implantado um loteamento industrial. O local onde foi encontrado este sítio pode ser considerado o “cinturão arqueológico” de Jacareí. Nesta área de 10 milhões de m², que compreende os bairros Cidade Salvador, Vila Branca, Rio Comprido e Mirante do Vale, já foram descobertos 8 sítios, todos da tradição tupi-guarani.

O arqueólogo Plácido Cali calcula que esse novo sítio tenha entre 600 e 1.000 anos. O que está impressionando os pesquisadores é a quantidade e variedade de peças encontradas. Plácido calcula que devem ser retirados para estudo mais de 6 mil peças de cerâmica, carvão, vestígios de fogueiras.

• Página 03

Arqueólogo pesquisa ocupação indígena em Jacareí

Fotos: Fabiano Grecco

Fabiano Grecco

A ocupação indígena em Jacareí e no Vale do Paraíba ainda é um mistério para pesquisadores, estudiosos, historiadores e arqueólogos. Pouco se sabe sobre os índios que aqui viveram antes da chegada dos colonizadores. De onde vieram, como chegaram e como viviam ainda são perguntas não respondidas.

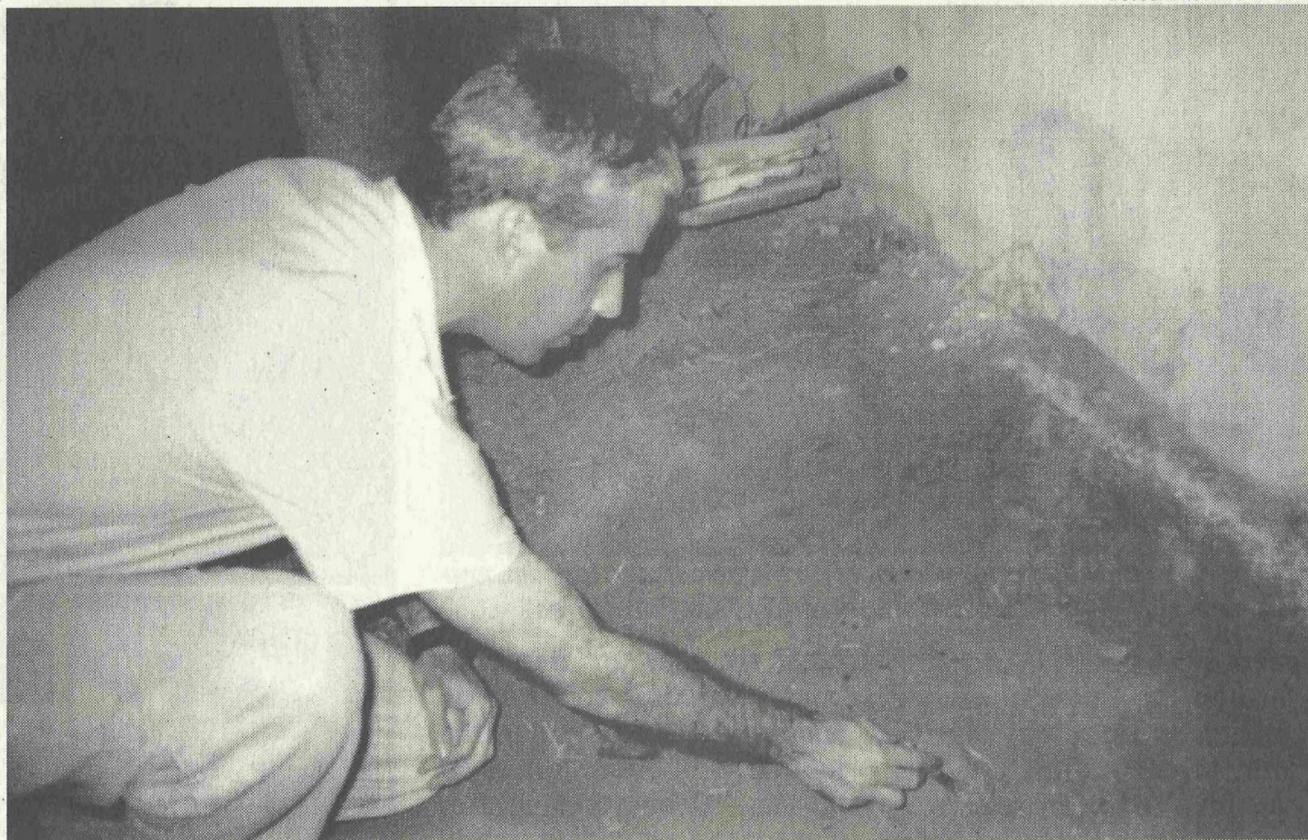
O que os pesquisadores sabem é que a região do Vale do Paraíba foi intensamente povoada pelas tribos tupi-guarani e aratu. No entanto, poucas pesquisas foram feitas para descobrir vestígios dessas antigas civilizações.

Jacareí tem 9 sítios arqueológicos catalogados. O mais recente deles está sendo pesquisado pelo arqueólogo Plácido Cali. O sítio está localizado na Usina de Asfalto da empresa Talavassos, na estrada velha Jacareí – São José dos Campos. No local será implantado um loteamento industrial.

Os trabalhos de campo começaram há três semanas. Sob a coordenação de Plácido, uma equipe, composta por 8 pessoas, está fazendo o salvamento arqueológico do local, recolhendo os fragmentos encontrados no solo e que posteriormente serão analisados em laboratório.

A interpretação – estudo das peças no laboratório – é a fase em que os pesquisadores vão determinar a data e o padrão de ocupação do sítio.

O arqueólogo Plácido Cali calcula que esse novo sítio tenha entre 600 e 1000 anos. A data correta da ocupação



Os pesquisadores encontraram mais de seis mil peças de cerâmica, carvão e fogueira...

será apontada depois da realização do exame de Carbono 14 nas peças. O arqueólogo explicou que todo material orgânico em contato com a natureza produz carbono. Quando a pessoa morre, o corpo deixa de produzir carbono. O teste verifica quando o material deixou de produzi-lo. “Existe uma margem de erro de 50 anos”, disse.

O que está impressionando os pesquisadores é a quantidade e variedade de peças encontradas. Plácido calcula que devem ser retirados para estudo mais de 6 mil peças de cerâmica, carvão, vestígios de fogueiras. Segundo ele, essas peças – tigelas dos mais variados tamanhos, potes e material lítico (pedra) – apresentam mais de 10 tipos diferentes de decoração, com pinturas geométricas, em relevo e policromadas, nas cores vermelha, branca e preta. As peças de

cerâmica eram feitas de argila, material muito encontrado na região. As cores eram obtidas através do urucum, rochas com pigmentos vermelhos e outros pigmentos vegetais.

O local onde foi encontrado este sítio arqueológico pode ser considerado o “cinturão arqueológico” de Jacareí. Nesta área de 10 milhões de m², que compreende os bairros Cidade Salvador, Vila Branca, Rio Comprido e Mirante do Vale, já foram descobertos 8 sítios, todos da tradição tupi-guarani. Apenas o sítio descoberto no ano passado na represa da Light, na divisa com Santa Branca, é da tradição aratu, um fato que instigou os pesquisadores que até então tinham encontrado material apenas dos índios da tribo tupi-guarani.

Segundo o arqueólogo, esta região foi escolhida pelas tribos porque ficava em um

platô alto, os índios podiam avistar possíveis inimigos a quilômetros de distância, a terra era boa para o cultivo, tinha um grande rio navegável na região (Rio Comprido), que facilitava a locomoção da tribo e servia como fonte de água. Nesta região os índios também encontravam argila e barro, materiais necessários para a fabricação de seus utensílios. Segundo Plácido, pesquisas indicam que ainda outros sítios podem ser encontrados na região, principalmente na área do cemitério Memorial do Vale e do Motel Yes.

O arqueólogo disse que Jacareí está se destacando na descoberta de sítios arqueológicos porque é uma das únicas cidades da região que está apoiando e incentivando as pesquisas em parceria com a iniciativa privada. “A região do Vale do Paraíba possui inúmeros sítios arqueológicos.

Faltam pesquisas e incentivos para descobrir novos sítios”, garante Plácido.

O sítio arqueológico mais antigo encontrado no Vale do Paraíba fica em Aparecida, descoberto em 1908. Em Jacareí, o sítio mais antigo é o Santa Marina, com 1.470 anos. Em São José dos Campos, Caçapava e Guaratinguetá também já foram encontrados vestígios de ocupação indígena.

O desafio dos arqueólogos é desvendar a ocupação indígena na região, o padrão de assentamento, a movimentação – de onde vieram, para onde foram – e o grau de cultura das tribos. “Ainda não sabemos se as tribos vinham do litoral, fugindo dos colonizadores, em direção ao sertão”, disse.

Outro desafio dos arqueólogos é fazer os proprietários de áreas com interesse arqueológico cumprirem a lei. O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Na-

cional), órgão ligado ao Governo Federal, obriga que o proprietário a contratar profissionais para pesquisar, estudar e fazer o salvamento arqueológico da área. Somente depois de feito todo o trabalho de campo e encaminhado o relatório para o IPHAN é concedida autorização para construir na área. No entanto, a lei determina também que as pesquisas e descobertas feitas no sítio arqueológico sejam divulgadas para a população e para a comunidade científica através de publicações, mas não especifica que tipo de publicação. Apenas 2 sítios arqueológicos pesquisados em Jacareí lançaram livros. Os demais não cumpriram esta exigência da lei. “A população e a comunidade científica ficam prejudicadas porque não têm acesso às informações”, disse Cali. E conclui: “Os municípios devem ter uma lei própria para proteger o seu patrimônio público, histórico e arqueológico”.



... para estudo e análise no laboratório

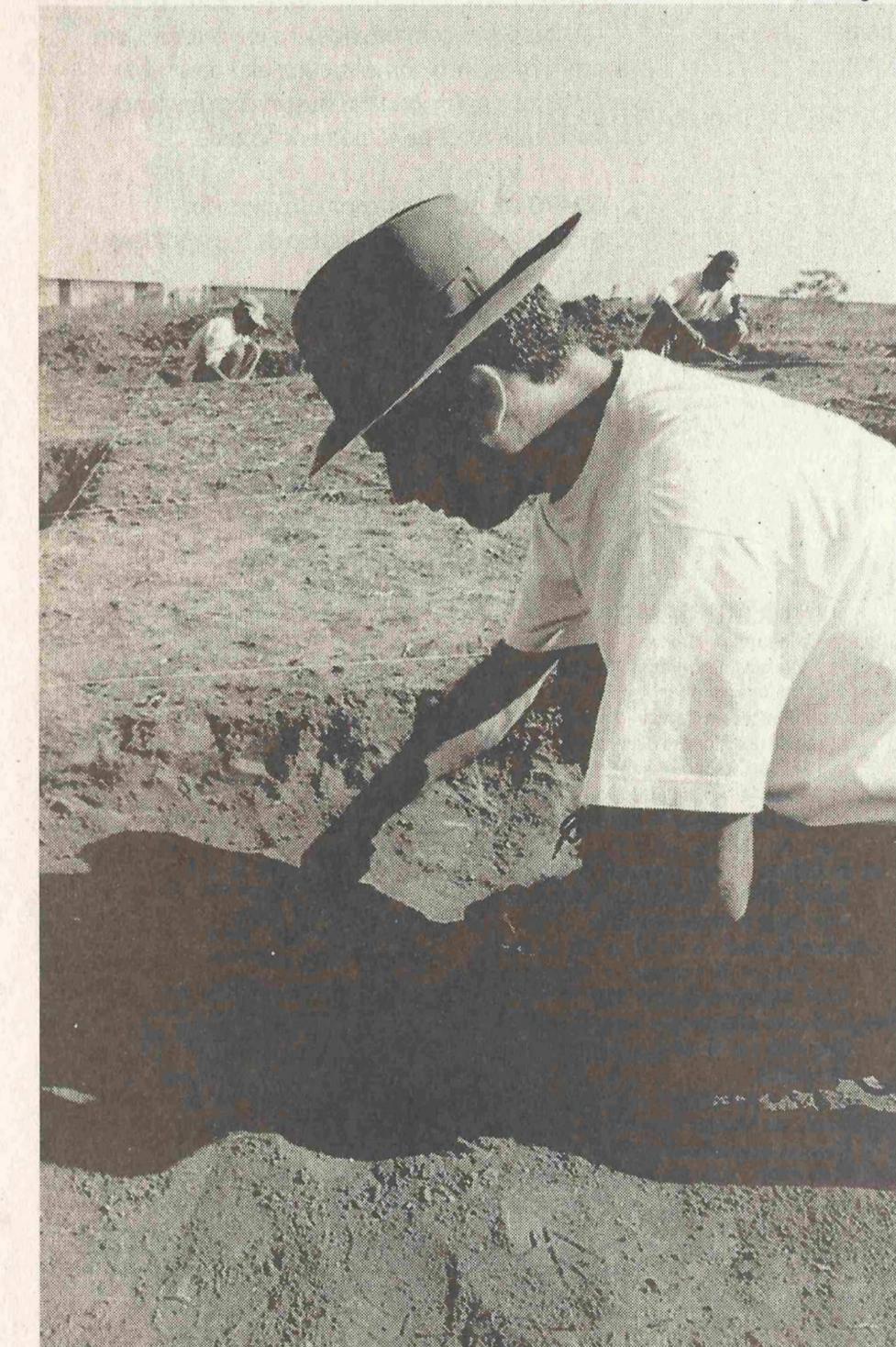
HISTÓRIA 2 Número, segundo arqueólogos, tem chance de ser bem maior, já que o local ainda é considerado pouco explorado

Municípios da região reúnem 96 sítios



Vasos encontrados no sítio arqueológico São Francisco, localizado no município de São Sebastião

Roosevelt Cássio - 17.mai.2002/Folha Imagem



O arqueólogo Plácido Cali, em um sítio arqueológico de Jacareí

FREE-LANCE PARA A FOLHA VALE

Em toda a região do Vale do Paraíba e litoral norte existem 96 sítios arqueológicos, com peças datadas de até 2.500 anos. O número pode ser ainda maior, já que as regiões estão entre as poucas do Estado que permanecem inexploradas, ao contrário do Vale do Ribeira e o Vale do Iguape, regiões que já foram amplamente estudadas.

A estimativa dos pesquisadores é que em todas as 39 cidades do Vale e litoral norte, além das 13 onde já foram localizados vestígios de ocupação, existam áreas arqueológicas.

Como os órgãos do Estado ou da União são insuficientes para a fiscalização, os sítios da região contam somente com a iniciativa da população para a preservação.

Ossadas ou utensílios são peças que revelam o modo de vida e as comunidades que habitaram os sítios antes da atual ocupação.

Povos vindos de regiões como Nordeste e Centro-Oeste do país tinham como rota de migração a região do Vale e litoral. Por isso, os sítios arqueológicos encontrados podem explicar o desaparecimento do sambaqui, um povo de cultura nômade, que costumava deixar sinais de suas andanças por onde passavam.

Desde 1900, pesquisadores vêm encontrando, no Vale e litoral norte, fragmentos de urnas funerárias, cerâmicas e instrumentos de pedra, que hoje estão guardados de forma inadequada, em depósitos ou galpões de prefeituras, ou até mesmo em universidades espalhadas pelo Estado.

Os primeiros sítios da região fo-

ram encontrados em Aparecida e São Francisco Xavier, distrito de São José dos Campos, mas as peças acabaram sendo perdidas ou destruídas por obras públicas ou particulares.

O próprio Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que tem em seu cadastro apenas 15 sítios da região, admite não possuir dados sobre possíveis áreas arqueológicas nem estrutura para controlar a preservação das peças que já foram encontradas e catalogadas.

De acordo com o instituto, todo cidadão que encontrar peças arqueológicas deve ser responsável por encaminhar informações sobre novas áreas ao órgão ou os dados sobre degradação de sítios.

O Iphan possui apenas seis profissionais no país e nenhum no Estado de São Paulo.

O Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo), realiza somente autorização de exploração de áreas descobertas anteriormente.

O que garantiria a salvação da pré-história e da história da região é a exploração turística dos locais onde os sítios arqueológicos foram descobertos.

Sem fiscalização, ONGs (organizações não-governamentais) chegam a pagar para moradores próximos vigiarem os locais onde existem vestígios de objetos com valor histórico, para a preservação do patrimônio arqueológico.

A pena para quem destrói patrimônios históricos ou bens culturais e de interesse arqueológico é de seis meses a dois anos, prevista no Código Penal.

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Da região

São José dos Campos
■ 14 sítios

Jacareí
■ 6 sítios

Taubaté
■ 3 sítios

Aparecida
■ 10 sítios

Caçapava
■ 4 sítios

São Bento do Sapucaí
■ 1 sítio

Canas
■ 3 sítios

Jambeiro
■ 1 sítio

Litoral norte

Ilhabela
■ 45 sítios

São Sebastião
■ 2 sítios

Ubatuba
■ 7 sítios

Fonte: Folha Vale

Maioria das peças é da cultura tupi-guarani

DA FOLHA VALE

A maioria das peças encontradas, até hoje, nos sítios arqueológicos descobertos nas cidades do Vale do Paraíba e litoral norte, revelam características da cultura tupi-guarani.

De forma geral, os povos tupi-guaranis têm uma cultura mais ceramista e são mais desenvolvidos, já que criaram uma escrita própria. Por isso, são facilmente identificados.

Já foram encontrados vestígios da cultura tupi-guarani nas cidades de São José dos Campos, Jacareí, Caçapava, São Bento do Sapucaí, Canas e Jambeiro.

No entanto, em alguns municípios da região, também foram encontrados sinais de ocupação da cultura nômade, o que revela que a região sempre foi povoada, em diferentes períodos históricos.

Há ainda o registro da ocupação de comunidades indígenas da cultura aratu, que introduziram na região o plantio do milho e da mandioca.

Outra característica apontada pelos arqueólogos como atrativa para grupos pré-coloniais é a di-

versidade de fauna e flora, podendo a área ser explorada para caça e pesca. A proximidade com o rio Paraíba do Sul propiciava a atividade da pesca, o que garantia a subsistência das comunidades.

Além disso, em Ilhabela, também já foram encontradas áreas com características de ocupação da época da colonização, com a descoberta de instrumentos de pedra, como lascas de quartzo e ruínas de fazendas de engenhos dos séculos 18 e 19.

Ossadas

No sítio do Mar Virado, em Ubatuba, já foram encontradas 87 ossadas que pertenceriam a famílias de povos primitivos, que moraram na região há cerca de 4.000 anos —um dos primeiros povoadamentos da região formados por coletores e pescadores.

A área é objeto de pesquisas que estão sendo realizadas pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (Universidade de São Paulo).

Segundo a pesquisa, há sinais da realização de rituais primitivos e dos hábitos alimentares desses grupos, que eram baseados em moluscos, peixes e ervas.

Livro

Os sítios arqueológicos da região

Divulgação

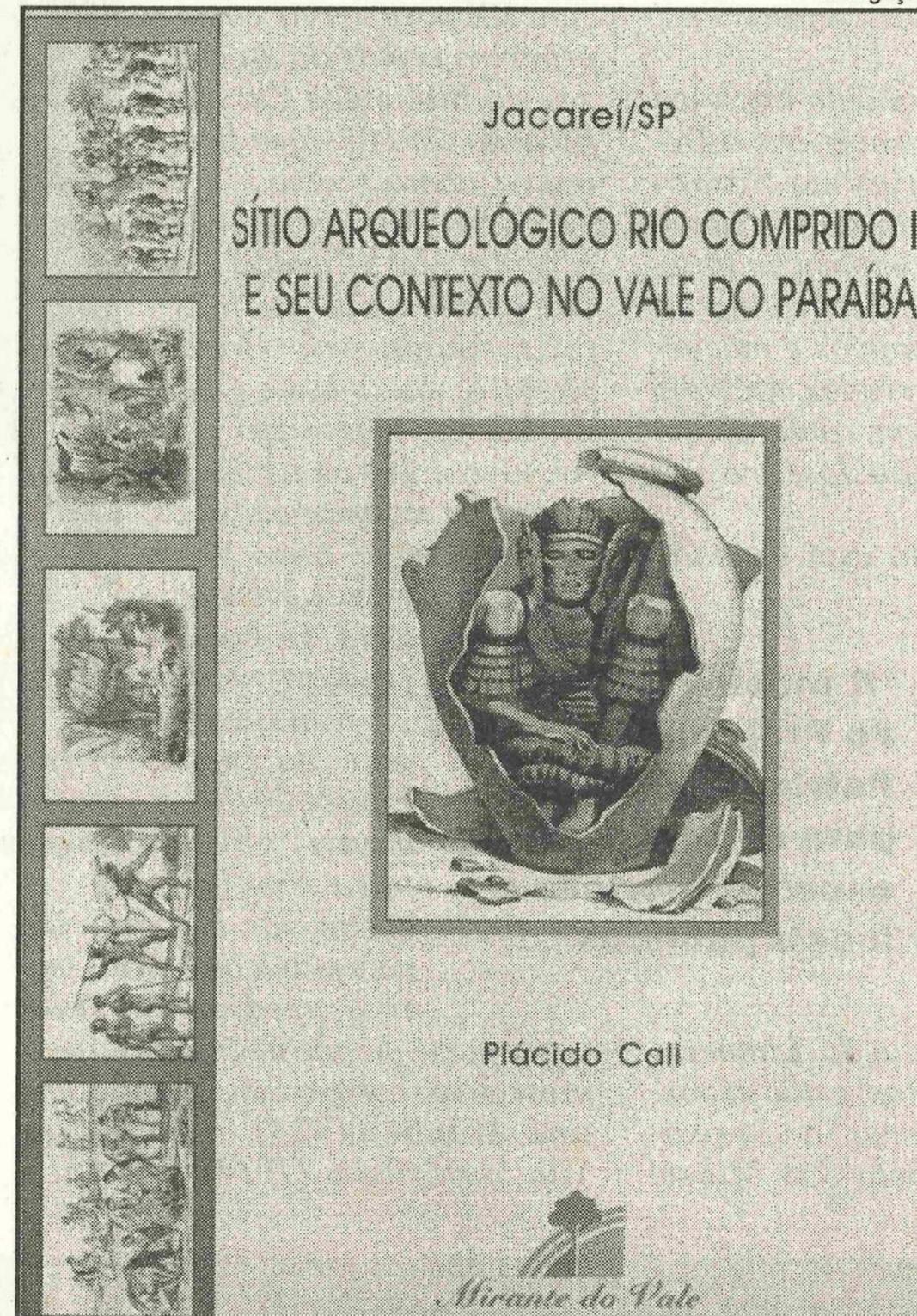
Ana Lúcia Abranches
de São José dos Campos

sítio como o mais antigo até o momento no Vale do Paraíba.

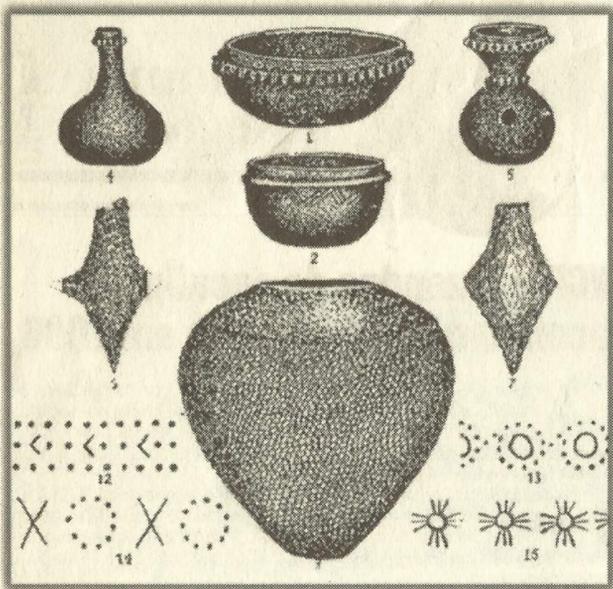
Segundo ele, apesar da importância do resgate do material, foram encontrados apenas fragmentos dispersos porque o sítio arqueológico já estava praticamente destruído quando se iniciou o trabalho de recuperação. O trabalho de resgate arqueológico foi financiado pela Mirante do Vale Empreendimentos Imobiliários e Construções Ltda, por exigências legais. Segundo o diretor da empresa, Alexandre Vassovínio, foram gastos R\$ 50 mil com todo o projeto arqueológico desde as pesquisas até equipamentos e análises em laboratórios. "Fizemos mais do que a lei exigia. Com este livro, temos a intenção de quebrar o paradigma de que todo empreendedor quer devastar áreas sem medir as conseqüências". Novos trabalhos de exploração começam a ser efetuados na região do Rio Comprido no final do mês, antes da implantação da segunda etapa do loteamento. O livro começa a ser distribuído gratuitamente esta semana para bibliotecas, escolas e centros de pesquisas e será lançado oficialmente durante debate em agosto.

A história de vários sítios arqueológicos e o povoamento indígena na região do Vale do Paraíba está sendo contada no livro "Sítio Arqueológico do Rio Comprido I e seu Contexto no Vale do Paraíba", escrito pelo arqueólogo Plácido Cali. Segundo ele, o livro é resultado do trabalho de dois meses de pesquisa arqueológica (abril e maio de 1998) durante a implantação do loteamento Mirante do Vale, na estrada do Rio Comprido, em Jacareí.

Os trabalhos possibilitaram o salvamento de materiais arqueológicos provenientes do assentamento de duas antigas aldeias indígenas na região. Uma delas produziu uma cerâmica rústica datada do período de 1100. A outra aldeia de origem tupi-guarani, teria feito uma cerâmica melhor elaborada e decorada no período de 1600. "Isto significa que dois grupos indígenas diferentes ocuparam o mesmo espaço num intervalo de 500 anos", ressalta Plácido. Segundo ele, o resultado de pesquisas realizadas pelo Departamento de Física Nuclear da USP, colocou este



As pesquisas do arqueólogo Plácido Cali resultaram no livro e no salvamento de materiais arqueológicos



REGIÃO A SER EXPLORADA

À direita, exemplos de utensílios de cerâmica produzidos por índios na era pré-colombiana (antes dos descobrimentos); ao centro e ao lado, escavações realizadas em São José; segundo estudo, município tem locais ricos em artefatos indígenas que precisam ser explorados

Arqueologia

São José tem 17 sítios arqueológicos

Pesquisador identifica locais que podem ter objetos e ossadas de índios tupis que viveram no Vale há 500 anos

ALHEIO À HISTÓRIA

O sitiante Benedito Inarde, que estaria morando sobre um sítio arqueológico; ele disse que nunca encontrou nenhum objeto raro em seu terreno



Cláudio Vieira

O que a prefeitura pode fazer

São José dos Campos

Segundo o arqueólogo Plácido Cali a Prefeitura de São José dos Campos deveria adotar pelo menos quatro medidas emergenciais para iniciar o resgate dos sítios arqueológicos no município.

O primeiro passo seria identificar, com ajuda de profissionais inclusive de outros municípios, as áreas potenciais existentes na cidade, que, segundo ele, devem ser em maior número do que o identificado em seus levantamentos.

Depois, disse Cali, a prefeitura deveria fiscalizar todos os empreendimentos de impacto ambiental realizados na cidade, e tornando obrigatório o levantamento arqueológico em cada um deles.

Outra medida, segundo Cali, que é necessária seria a contratação de um arqueólogo profissional para cuidar dos trabalhos na área. "Não tenho interesse pessoal nisso, já que tenho meus negócios, mas é fundamental que haja um profissional", afirmou.

A última medida, segundo Cali, é a criação imediata de um espaço para manter todo o acervo encontrado, uma espécie de museu da arqueologia joseense.

"Há uma necessidade de termos um lugar onde guardar e expor esse material riquíssimo que existe e que precisa ser explorado, encontrado", disse.

São José nunca passou por um levantamento de suas potencialidades arqueológicas. Pena, porque poderia resgatar uma parte da história do Vale

Arqueólogo Plácido Cali, que aponta 17 áreas com potencial arqueológico em São José

Guilherme Busch
São José dos Campos

Levantamento feito pelo arqueólogo Plácido Cali aponta que São José possui pelo menos 17 áreas com potencial para exploração arqueológica. As evidências, segundo ele, foram detectadas com ajuda de fotos aéreas e em pesquisas particulares em diferentes bairros da cidade.

O material encontrado, a maioria cerâmica e ossos humanos, é vestígio de tribos indígenas tupi, e possui entre 500 e 1.000 anos. Segundo Cali, o material identifica uma fase em que os tupis deixaram de ser caçadores e coletores de frutas para se transformarem em agricultores de milho e mandioca, se fixando no Vale.

Os locais com potencial, chamados sítios arqueológicos, não foram pesquisados a fundo, segundo Cali, devido à falta de recursos e de uma política da prefeitura para fazer um levantamento sistemático do assunto na cidade.

"São José nunca passou por um levantamento sistemático de suas potencialidades arqueológicas. Isso é uma pena, porque poderia resgatar uma parte da história do Vale que foi escrita antes do descobrimento do Brasil, há mais de 500 anos", disse.

Vitor Shuster, diretor de Patrimônio Histórico da Fundação Cassiano Ricardo, afirma que não tem conhecimento dos pontos indicados por Plácido Cali como prováveis sítios arqueológicos na cidade.

Segundo ele, a prefeitura ainda não possui uma definição sobre como vai tratar o tema arqueologia em 2005, mas o caminho está entre contratar um profissional para cuidar do assunto ou firmar um convênio com alguma entidade que realize trabalhos na área.

Cali aponta que há pelo menos outras quatro áreas na cidade, nos bairros Vidoca, Bosque dos Eucaliptos, Jardim Americano e Colinas de São José, que teriam vários indícios de possuírem material para ser pesquisado.

MORADORES - O sitiante Benedito Inarde, que mora exatamente em uma das áreas apontadas por Plácido Cali como sendo potencial sítio arqueológico, disse que nunca

Talvez tenha alguma coisa enterrada, mas a gente não tem como saber. Às vezes a gente mexe com a terra, mas nunca apareceu nada

Sitiante Benedito Inarde, que mora sobre suposto sítio arqueológico, em Eugênio de Melo

Fundação desconhece potencial

São José dos Campos

O diretor de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, em São José, Vitor Shuster, diz que não tem conhecimento dos pontos de possíveis sítios arqueológicos citados pelo pesquisador Plácido Cali.

Shuster afirma que espera um posicionamento da prefeitura para definir as formas de atuação na área de arqueologia para os próximos quatro anos.

Segundo ele, a dúvida é entre contratar um arqueólogo para cuidar do assunto ou fir-

mar convênio com alguma entidade capacitada para gerenciar o setor. Ainda não há nenhuma ação específica planejada. "Penso que o convênio é o melhor caminho, por pegarmos uma entidade que já está funcionando", disse Shuster.

Ele disse também que a fundação pretende criar um museu para armazenar e expor os objetos recolhidos em sítios arqueológicos na cidade. "Só teremos autorização para criar um museu de arqueologia quando tivermos ou o arqueólogo ou o convênio em andamento. O museu é muito importante", disse.

Segundo ele, os passos para os trabalhos com arqueologia começam com estudos de documentos já publicados sobre o assunto, para identificar o tipo de material que pode ser encontrado. Em seguida, identifica-se locais de prováveis sítios arqueológicos.

encontrou nenhum material que pudesse constatar que o local pode ser um sítio arqueológico.

"Estou aqui há quase quatro anos e nunca vi nada. Talvez tenha alguma coisa enterrada, mas a gente não tem como saber. Às vezes a gente mexe com a terra, mas nunca apareceu nada", diz.

O sítio fica no distrito de Eugênio de Melo, perto da via Dutra.

Outra moradora do local, Bernadete de Faria, também diz que desconhece a existência do sítio arqueológico no local. "Nunca achamos nada por aqui, e nem sabemos direito o que é isso", afirma.

Saiba Mais

Se você encontrou um sítio arqueológico, vale lembrar que os sítios são protegidos por lei federal contra alteração ou destruição. Por isso, siga os procedimentos abaixo

- 1 - Não toque em nada. Não colete ou retire artefatos do solo. Se não estiver em local urbanizado guarde bem a referência sobre o local, possibilitando retornar ao sítio
- 2 - Entre em contato com um arqueólogo credenciado ou com o Iphan (Instituto de Patrimônio

Histórico e Artístico Nacional) e informe o achado. Telefone (48) 223-0883

3 - Não divulgue a sua descoberta antes que arqueólogos tenham visto o local a cadastrado o sítio

4 - Se o sítio estiver localizado em uma obra, ela deve ser paralisada imediatamente até a vistoria de arqueólogos e apreciação de técnicos do Iphan

5 - O proprietário do imóvel onde se localiza o sítio é o responsável pela preservação do mesmo

Índio optava por região com recursos

São José dos Campos

Os tupis, indígenas que habitaram a região do Vale do Paraíba antes do Descobrimento do Brasil, viviam em locais onde pudessem obter recursos para caça, coleta de frutas e pesca.

Moravam em aldeias que tinham entre sete e oito cabanas circulares, feitas de madeira e palha e que abrigavam, cada uma, várias famílias diferentes. A organização social dos tu-

pis era baseada em um poder político, exercido por uma espécie de cacique, e por um poder religioso paralelo, exercido pelo pagé da tribo.

Todos as mulheres das tribos tupis aprendiam a trabalhar com cerâmica, e eles tinham como característica a facilidade para migrar, em ciclos de cinco a oito anos, quando os homens identificavam que a caça ficava escassa ou algum outro problema atingia a tribo.

No Vale, os tupis começaram a organizar plantações de mandioca e milho, e preferiam estar instalados em locais próximo a rios.

Os tupis vieram da Amazônia, seu local de origem, há mais de 2.800 anos, e se fixaram nas regiões do Vale do Litoral Norte.

ATENÇÃO ASSINANTES
FERIADO DE CARNAVAL
Informamos os horários de funcionamento do SAA
Dia 05 e 06/02 - das 7h às 13h
Dia 07/02 - das 7h às 12h
Dia 08/02 - das 7h às 13h
Dia 09/02 - das 7h às 18h
SAA - Serviço de Atendimento ao Assinante
0800-136040

ATENÇÃO
AGÊNCIAS DE PUBLICIDADE E ANUNCIANTES EM GERAL
FERIADO DE CARNAVAL
Informamos que não haverá expediente de atendimento ao público em nossos Balões, Sucursais e Classifone nos dias 07 e 08/02 (2ª e 3ª feiras). No 4ª feira (09/02), atenderemos a partir das 12:00h.
O ValeParaibano circulará normalmente nessas datas.

Tempo poderá destruir fazenda histórica

Fotos de Julio Ottoboni/AE

Com mais de 150 anos, a Galo Branco aguarda definição sobre o pedido de tombamento

JÚLIO OTTOBONI

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS – Um dos últimos exemplares da arquitetura rural do período cafeeiro e da cana-de-açúcar em São José dos Campos (SP), no Vale do Paraíba, ameaça ruir. A Fazenda Galo Branco tem um dos raros prédios do século passado ainda existentes no município, mas a construção está em mau estado de conservação. O processo de tombamento do casarão, feito em taipa de pilão, encontra-se sob análise há mais de um ano na prefeitura. O alerta vem do Centro de Estudos e Defesa do Patrimônio Cultural (Cedepac), que luta pela preservação da construção, que tem mais de 150 anos.

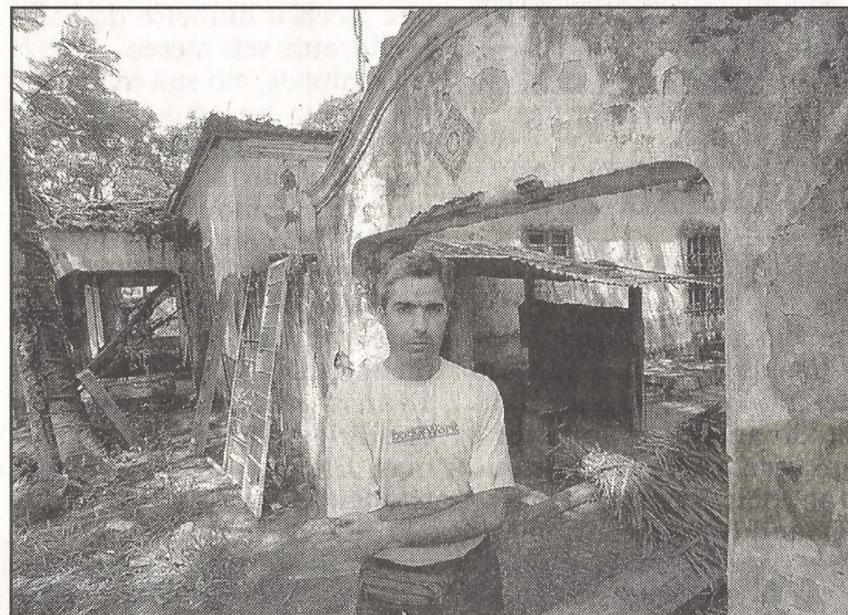
Para o coordenador do centro e mestre em arqueologia pela Universidade de São Paulo, Plácido Cali, são imensos os riscos de se perder mais esse marco do primeiro ciclo econômico da cidade. Segundo ele, são raríssimos os exemplares desse tipo de arquitetura no município, havendo apenas mais duas do mesmo período. Uma delas, a Ibirarema do Luxo Brasileiro, é exemplo para o restauro.

Apesar de hoje liderar a região no segmento econômico e concentrar o maior número de habitantes, São José dos Campos é a localidade mais pobre em patrimônio histórico do Vale do Paraíba. O município teve várias fazendas coloniais dos séculos 18 e 19.

Mesmo sem a opulência e requinte das construções da região do Vale do Paraíba



Fachada da Fazenda Galo Branco, a antiga Fazenda Santa Luzia (esq.), com mais de 150 anos; o arqueólogo Plácido Cali posa à frente da propriedade; casa da Fazenda Ibirarema do Luxo Brasileiro



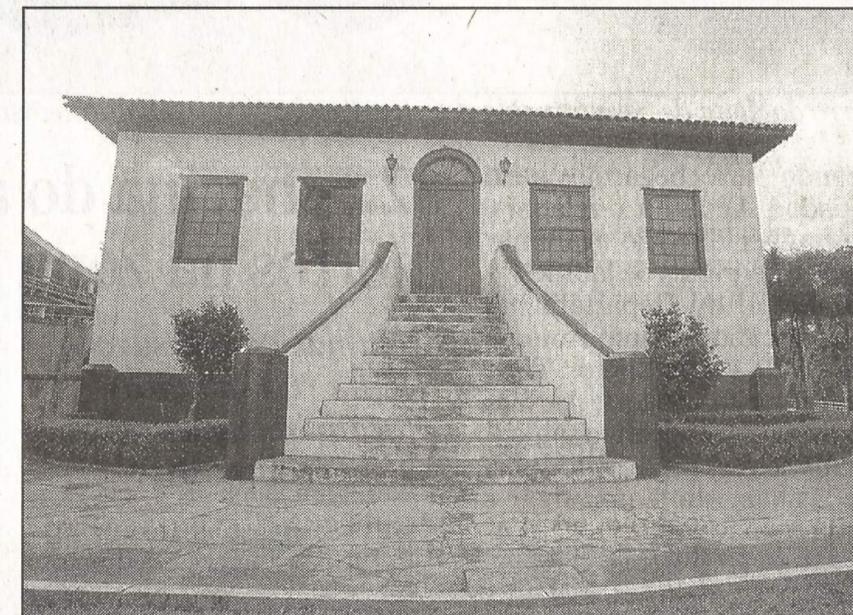
histórico – como as existentes em Bananal, Areias ou São José do Barreiro –, nenhuma delas foi preservada por lei. A maioria foi demolida ou caiu com o tempo, por falta de cuidados.

São José dos Campos nunca foi um expoente da produção canavieira ou cafeeira, que marcaram os ciclos econômicos da região nos sé-

culos 18 e 19.

A casa da Fazenda Galo Branco acabou sofrendo descaracterizações ao longo dos anos, principalmente na década de 50, quando ganhou uma varanda, portas em arco, novos pisos e janela. Seu nome também foi alterado, perdendo a denominação de Fazenda Santa Luzia.

Mas a estrutura principal



do prédio continua intacta, o que garante a possibilidade de restauro. Da formação original, tulhas, cocheira, o engenho de cana e as casas dos colonos foram destruídos. “Essa fazenda foi responsável pela formação do núcleo urbano local”, explica Cali.

Segundo o arqueólogo, o pedido de preservação em

que foi anexado um levantamento da situação da fazenda, foi levado em julho de 1999 ao Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural (Comphac). Nesse processo, o Departamento de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural Cassiano Ricardo deu parecer favorável ao tombamento.

A média de aprovação de um pedido semelhante é de três meses, mas até agora nenhuma resposta definitiva foi dada.

Enquanto aguarda um parecer para a inclusão da fazenda entre os bens preservados da cidade, o casarão sofre com infiltrações, goteiras, rachaduras e um total abandono. Lixo, madeiras velhas e uma série de detritos se acumulam na parte externa da casa. Em seu interior ainda resiste uma última peça original: um oratório embutido numa das paredes de um cômodo que servia de capela. “Como está abandonada, a fazenda pode ser demolida ou ruir a qualquer momento”, comenta Cali.

Comphac – A direção do Comphac também mostra-se preocupada com o estado de degeneração do imóvel e de seus entornos. A arquiteta da fundação cultural e integrante do conselho, Sônia Bueno, explicou que há uma zona de preservação, incluindo a casa da fazenda, aprovada em dezembro de 1999. A situação ainda está indefinida, pois dentro desta área estipulada há indícios da existência de um sítio arqueológico e isso exigiria maior averiguação.

Segundo o secretário do planejamento e presidente do Comphac, Lauro Fariñas, o assunto está dentro das prioridades do órgão e será solucionado em breve.

Ele disse ter conhecimento das precárias condições da casa e está agendando uma vistoria no local com os demais membros do conselho para uma avaliação mais detalhada da área. “Devemos fazer uma visita ao local para ver se cabe o tombamento em todo espaço pedido”, revela.